

Revista de Espiritismo

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

SUMÁRIO:

- A realidade do Espiritismo — PEDRO CARDIA.
A vida do Além — AMÉLIA CARDIA.
Experiências Metapsíquicas — II — MADALENA FRONDONI LACOMBE.
A Alma Humana — (NEO-PSIQUISMO EXPERIMENTAL) — VI — DR. ANTÓNIO J. FREIRE.
Inquérito — I — DEPOIMENTO DE SIR CONAN DOYLE.
Crónica Estrangeira — PEDRO CARDIA.
Revista das Revistas — O PROFESSOR HANS DRIESCH — A. RIPERT.
Reflexões — ANTÓNIO L. VILELA.
Bibliografia — PEDRO CARDIA.
Noticiário.
Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa.
Caixa de Propaganda.



Redacção e Administração:

RUA DA ASSUNÇÃO, 58
LISBOA
PORTUGAL

Número avulso 3\$00

Revista de Espiritismo

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Administradores: { *Vasco Infante da Camara*
Raul Zagalo Fernandes

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. Afonso A. Martins Velho* — *Dr. António J. Frelre*
— *António L. Vilela.*

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.^{ra} Amélia Cardia* — *D. Maria O'Neill* — *D. Madalena Frondoni Lacombe* — *Dr. Carneiro de Moura* — *Dr. João Antunes* — *Dr. Évora Macedo* — *Dr. Amílcar de Sousa* — *Capitão A. Carnell* — *Prof. Arantes Pereira* — *Engenheiro José A. Manique de Albuquerque* — *Joaquim Quintela Paixão* — *Manuel Cavaco* — *Ramiro Guedes de Campos* — *Fernando Almiro N. Vale* — *Carlos dos Santos Paiva* — *José M. Pereira Bravo* — *Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz* — *Capitão José B. Pinto da Silva* — *Capitão Augusto da Silva Flores* — *Capitão Eurico de Castro Zuzarte* — *Tenente Manuel Caetano de Sousa.*

ASSINATURAS

| | |
|---|---------|
| Portugal Continental, Ilhas e Espanha... (escudos) | 15\$00 |
| Colónias Portuguesas..... (>) | 20\$00 |
| Brasil..... (moeda brasileira - réis) | 10\$000 |
| Estrangeiro (Para todos os outros países) (francos francezes) | 30 |

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

DEPOSITARIOS

LISBOA — LIVRARIA AILLAUD & BERTRAND — Rua Garrett, 73-75

PORTO — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

COIMBRA — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.^{DA} — Rua Ferreira Borges

BRASIL — Agente Geral: Sousa do Prado - Rua General Roca, 21 - RIO DE JANEIRO

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

A realidade do Espiritismo ✓

Aqueles que se preocupam com a finalidade do espírito humano, estudando as manifestações da alma no campo experimental, deduzem, naturalmente, os seus corolários em harmonia com as suas concepções filosóficas e tendências inatas dominantes, fazendo consistir nelas, em absoluto, o objectivo das suas aspirações espirituais.

Vemos por isso que uma grande parte dos adeptos do Espiritismo, baseados nas provas inequívocas de manifestações transcendentais, obtidas através de variados médiums desde tempos imemoriais e em todos os lugares da Terra, procuram, e muito bem, robustecer e alargar esse admirável sistema filosófico e religioso codificado pelo grande mestre Allan Kardec, que, tendo o seu fundamento nos ensinamentos dos espíritos, afinal se identifica e confunde com o Cristianismo primitivo em toda a sua pureza original.

Convencidos da realidade de tais manifestações, relemos para segundo plano o estudo profundo do fenómeno em si, não vendo que é exactamente esse o fio que mais frequentes vezes guia os cegos na sinuosa e escura estrada da existência, à clareira onde o céu pardacento e anuviado se entreabre para deixar sorrir os primeiros arrebóis.

Afigura-se-nos, portanto, indispensável, para demonstrar a solidez dos seus alicerces, focar aquelas manifestações que provam, duma maneira incontroversa, a realidade do Espiritismo, ou melhor, das comunicações entre incarnados e desincarnados, eliminando criteriosamente, ao submetê-las à nossa análise, as principais teorias naturalistas, verosímeis em certos casos, imaginadas para explicar toda a complexa fenomenologia metapsíquica.

Sem negar o mérito de algumas delas, reconhecemos, todavia, que o raio da sua acção é absolutamente restrito e limitado apenas a alguns dos aspectos pelos quais a questão se encare.

Ora, no campo da hipótese, para que de mera suposição os princípios enunciados passem à categoria de verdades indiscutíveis, necessário se torna que qualquer teoria, pela sua generalidade, abranja as múltiplas facetas pelas quais o assunto a que diz respeito possa ser encarado, explicando-o satisfatoriamente.

E' o que acontece com a teoria espírita, que em si engloba todas as manifestações anímicas, como uma especialização das virtualidades que o dinamismo psíquico encerra.

E' completamente absurdo pretender explicar todos os fenómenos supranormais como um produto anímico dos vivos, visto que as mais bem architectadas teorias falham inteiramente na interpretação de pequenos pormenores, que em si pouco valem, mas que, pela sua concatenação, constituem um obstáculo insuperável a esse modo de ver.

Sendo, como é óbvio, a alma humana, segundo se encontra acorrentada a um corpo ou liberta d'ele, a causa eficiente, quer das manifestações anímicas, quer

das manifestações espíritas, incompreensível se tornaria que houvesse apenas fenómenos duma destas naturezas.

Assim como também as potencialidades anímicas, evidenciando faculdades cujo exercício não tem utilização imediata e imprescindível nas presentes condições da existência terrena, fazem supor logicamente que a sua aplicação se venha a exercer necessariamente em futuros estádios de evolução espiritual e em condições de meio às quais se adaptam e para que foram criadas.

A preocupação dos metapsiquistas adversários da teoria espírita consiste exactamente em fazer enquadrar nas faculdades ignoradas do psiquismo humano, inerentes a uma função biológica desconhecida, todas as produções supranormais. E não é infelizmente raro verificar que, para melhor servirem o sistema que defendem, abusam de paralogismos, quando não chegam a processos sofisticados condenáveis.

Como consequência da observação das primeiras transmissões de pensamento a distância, perfeitamente estabelecidas, nasceu a teoria telepática que, representando uma verdade indiscutível, não pode todavia explicar a totalidade das manifestações psíquicas, mesmo quando associada a teorias acessórias fundamentadas nas faculdades de conhecimento supranormal independente do espaço e do tempo, ou no poder modelador do pensamento, que determine produções ideoplásticas com realidade objectiva.

Recordemos quais os factos que o grande mestre Ernesto Bozzano, na sua crítica «A propósito da Introdução à Metapsíquica Humana», do metapsiquista materialista René Sudre, classifica de insofismavelmente espíritas. A sua vasta erudição e a sua longa experiência emprestam à sua opinião um valor excepcional que muito nos apraz pôr em relêvo.

Eis as principais categorias de fenómenos considerados inexplicáveis por todas as teorias metapsiquistas naturalistas:

- a) Os casos de identificação de pessoas falecidas desconhecidas do *médium* e dos assistentes;
- b) Os casos de aparições de defuntos no leito de morte;
- c) Os casos de crianças videntes de terceiras pessoas no leito de morte;
- d) Alguns fenómenos muito especiais de telequinésia no leito de morte e depois da morte;
- e) Alguns fenómenos extraordinariamente significativos de música transcendental no leito de morte e depois da morte;
- f) Os casos de personalidades de defuntos que conversam com facilidade e a escrevem correntemente em línguas ignoradas do *médium*, e, por vezes, de todos os assistentes. (*Xenoglóssia* ou *Glossolália*);
- g) Os casos de personalidades de defuntos que escrevem correntemente com a escrita que lhes era própria em vida;
- h) Os fenómenos de bilocação no momento prægónico, sobretudo se são visíveis por todos os assistentes;
- i) Os fenómenos de materializações de fantasmas vivos e falantes, por vezes falando e escrevendo em línguas ignoradas de todos os assistentes;
- j) Algumas modalidades especiais de correspondências cruzadas;
- k) A existência na subconsciência humana de faculdades supranormais dos sentidos, independentes da lei da evolução biológica;
- l) Permitimo-nos acrescentar a estes, como muito importante, o fenómeno inesperadamente obtido de fotografia transcendental de pessoas falecidas.

Quanto a nós, uma das mais convincentes provas da comunicação entre incarnados e desincarnados, é, incontestavelmente, a identificação de pessoas falecidas desconhecidas do *médium* e dos assistentes.

Vamos recordar um caso passado há poucos anos no Centro Espírita «Luz e Amor», desaparecido hoje para dar lugar à Federação Espírita Portuguesa, e publicado em «A Asa» de Abril de 1926, que pelo seu valor intrínseco merece ser meditado.

Extratamos dessa revista os dados dessa prova de identificação, que várias vezes nos foram corroborados pela autora do artigo — a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria O'Neill.

Numa sessão habitual d'êste Centro manifestou-se através dum *médium* de incorporação um rapaz tuberculoso, que se julgava ainda vivo, mas não tão doente como o médico lhe dizia. Segundo o que êle pensava, eram exageros do carinho materno em que o bom doutor colaborava a pedido da mãe, para que êle não abusasse tanto dos divertimentos. Mostrou-se religioso, bom filho e amigo da família. A pouco e pouco e com extremo cuidado, o director foi-o predispondo e acabou por lhe dizer que êle tinha morrido.

O rapaz não acreditou, perguntando, naturalíssimamente, como podia isso ser se estava falando. Todavia convenceu-se quando o director o convidou a observar o corpo em que se encontrava temporariamente, que não tinha a mais pequena analogia com o corpo definhado e magro que êle conhecia.

O primeiro sentimento que exprimiu, desvanecida a sua surpresa, foi de gratidão a Deus, sintetizando o seu sentir na frase:

— «Mas eu não sou digno disto: morri e estou falando!»

Doutrinado pelo director da sessão, acalmou e retirou-se.

Dois dias depois, numa sessão dirigida pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria O'Neill, voltou aflito, com o desejo intenso de falar à mãe, declarando saber já que tinha morrido e compreender o motivo pelo qual a mãe não lhe respondia quando êle lhe falava.

Interrogado sôbre o que desejava dizer-lhe e sôbre o meio de fazer chegar uma carta ao seu destino, forneceu todos os dados necessários, formulando um pedido absolutamente pueril:

— «Peça à mamã que reze por mim e dê muitos beijos às minhas irmãzinhas».

No entretanto, uma carta contendo essa pretensão seguiu registada no dia seguinte para o Pôrto, onde o rapazinho dizia residir a mãe, a Sr.^a D. A. L. de O. Como passou algum tempo sem se obter resposta, a directora da última sessão encarregou uma pessoa amiga de indagar se naquela cidade, na rua e na casa cujo número indicava, residiria uma senhora com o referido nome.

Soube assim que as indicações fornecidas correspondiam à realidade e que o rapaz havia falecido de tuberculose dois anos antes.

A ausência de resposta soube-se ter sido determinada pelo fanatismo religioso da família do rapaz, que era intransigentemente católica.

Há um pormenor que é muito importante acentuar. O *médium* que interveio nestas manifestações não residia na metrópole, estava de passagem em Lisboa havia alguns dias e o seu conhecimento da existência do rapaz que personificou era completo, como o averiguaram cuidadosamente as pessoas que fizeram parte da sessão.

Pondo portanto de parte qualquer fraude do *médium*, resta todavia comprovar que nenhum dos assistentes tivesse tido um conhecimento superficial e fugaz do facto, esquecendo-o mais tarde, embora os arquivos da sua memória subliminal o tivessem gravado indelêvelmente.

Usando d'êste subterfúgio, poderia esta manifestação ser explicada por qualquer metapsiquista adversário da teoria espírita, pela *prosopopese-metagnomia* de René Sudre, do seguinte modo:

O *médium*, durante o transe mediúnico, adaptando uma personificação subconsciente (prosopopese), teria faculdades supranormais de conhecimento (metagnomia) que, permitindo-lhe pôr-se em contacto com os recessos profundos da memória subconsciente de algum dos assistentes, despertada por um processo de

criptomnésia (rememoração de factos esquecidos), nela colheria os elementos indispensáveis para reconstituir a personalidade do desincarnado.

Teremos, porém, de reconhecer que êste raciocínio é cheio de paralogismos. Não seria admissível que, tendo o *médium* o conhecimento do facto através duma vaga impressão, perpassada por instantes no alvo das sensações de qualquer dos assistentes, êle fôsse reconstituir uma personalidade mediúnica com as características duma individualidade desaparecida, ignorando particularidades da sua existência que de nenhum modo podem estar registadas na subconsciência que foi a fonte das informações recolhidas. Porque, se assim não fôsse, existiria muito provavelmente na pessoa que forneceu ao *médium* os elementos que o instruíram, um conhecimento consciente dessa personalidade, reflexo natural duma compreensão mais completa e duma visão mais nítida da sua existência, tanto mais que o espaço de tempo compreendido entre a produção do fenómeno e a cessação da vida da pretensa entidade comunicante era relativamente curto.

¿ Como se compreenderia neste caso a variação de pontos de vista em face dos raciocínios produzidos pelo director da sessão, modificações estas que se mantiveram e completaram durante os dias decorridos entre as duas incorporações, como se o dinamismo donde emanassem, agisse em tôda a liberdade e independência ? (1)

A hipótese apontada é, como vemos, ilógica e inadapável ao caso em questão, outro tanto acontecendo com a teoria *telepático-subconsciente*, segundo a qual os *médiuns* colheriam os elementos de informação das subconsciências dos parentes, conhecidos e amigos das pretensas entidades comunicantes, que lhes teriam telepaticizado, em vida, todas as vicissitudes da sua existência, mesmo aos mais íntimos pormenores.

¿ Qual seria então o laço que permitiria estabelecer a ligação entre o *médium* e essas pessoas afastadas e desconhecidas ?

¿ Como se explicaria o conhecimento de estados de alma posteriores ao momento da morte, traduzindo emoções intensas e sentimentos reais ?

Ora, como todas as considerações sôbre que repousaria a demonstração dêste fenómeno como manifestação anímica, seriam insubsistentes e aleatórias, concluímos naturalmente que se trata da comunicação dum espírito, como a interpretação mais razoável e lógica.

Embora a teoria espírita possa ser scientificamente demonstrada como nenhuma outra das hipóteses architectadas para a explicação dos fenómenos metapsí-

(1) Poderá parecer estranha a quem desconheça por completo as manifestações espíritas, a ignorância que tantos espíritos revelam da sua mudança de estado, ao abandonarem o corpo físico. Ela, porém, explica-se se atentarmos em que muitos doentes, no termo da sua existência terrena, perdem a consciência do seu estado. Esse embotamento da sensibilidade e da percepção, que acompanha muitas vezes o período agónico, perdura no além mais ou menos, sendo necessário em alguns casos que uma causa extrínseca venha despertar os desincarnados dessa perturbação. E' devido à intervenção de entidades astrais mais evoluídas que os perturbados são freqüentemente trazidos até junto dos *médiuns* para que em contacto com o mundo que deixaram, possam ser instruídos sôbre o seu futuro radioso e ensinados a dinamizar as suas potencialidades em harmonia com as leis da evolução.

Esta afirmação poderá parecer gratuita e absurda, pois se afigura a tôda a gente que estando os desincarnados em contacto com sêres muito mais perfeitos e incomparavelmente sabedores, se torna desnecessário tudo quanto lhe possamos dizer no nosso escasso conhecimento. Efectivamente assim seria se êsses desincarnados pudessem assimilar a catequese dos sêres superiores. Como, porém, lá como cá, a vida está subordinada à lei das vibrações, compreende-se que os mais atrasados não possam sintonizar com o seu receptor psíquico o estado vibratório daqueles sêres.

Por isso é que nas sessões espíritas realizadas num mau ambiente nunca podem manifestar-se entidades superiores.

O mecanismo das vibrações faz perceber admiravelmente como podem coexistir num mesmo lugar o sofrimento e o gozo espiritual, estados de alma que dependem exclusivamente da capacidade vibratória das entidades psíquicas nos quais se manifestam.

quicos na sua generalidade, a sua mais bela qualidade — ser simples na sua grandeza — é deturpada no conceito exclusivista dos *snobs* da ciência oficial.

Ao orgulho desmedido dos cientistas que a combatem, argüindo os espíritas duma credulidade ingénua e atribuindo-lhes tendências místicas, só satisfazem para explicar fenómenos que lhes tenha sido dado observar, hipóteses complicadíssimas e, em grande parte dos casos, inverosímeis e em desacôrdo com os factos observados.

A acção do tempo as irá destruindo à medida que o astro luminoso do conhecimento, fulgurante de intensidade e resplandecente de beleza, se eleve no firmamento e derrame sôbre os pobres habitantes dêste planeta os reflexos irisados da Verdade.

Da mesma ordem, mas com um valor teórico ainda maior, pelas condições da sua realização, extraímos da «*Light*» êste caso admirável de identificação de um espírito, reproduzido do «*Journal of American Society for Psychical Research*», passado com o notável e bem conhecido clarividente, Sr. John Ticknor e contado por membros da Sociedade :

« Pouco antes de eu ter nascido, um individuo chamado Joe Somers casou com a irmã de meu pai, Ana Wilder. Joe foi um mau partido porque fugiu à mulher três anos depois, deixando-lhe dois rapazinhos, sem que a família soubesse mais dêle. Apenas constou dum modo vago que tinha morrido de cólera.

Uma tarde, há algumas semanas, quando estava falando a respeito de negócios com o Sr. Ticknor, êle de repente mudou de assunto e disse :

— Está de pé a seu lado um homem que me dá o nome de Joe Somers.

Foi então recebida uma comunicação de Joe Somers que declarou que, depois de ter questionado com a mulher, fugiu e se juntou ao 6.º Corpo de Voluntários de Massachussets, alistando-se em Lowell. Sendo colocado na Companhia D, fôra um dos primeiros a morrer.

Feitas as necessárias averiguações sôbre o assunto no Quartel General, verificou-se que ninguém com o nome de Joe Somers constava dos registos da unidade.

Alguns dias depois uma segunda mensagem foi dada por intermédio do Sr. Ticknor. Desta vez foram fornecidas informações mais detalhadas.

« Vós não poderíeis achar o meu nome nos arquivos — disse a entidade comunicante, porque eu alistei-me a 16 de Abril de 1861, sob o nome de Carlos E. Tompson. Fui morto pelos arruaceiros de Baltimore em 19 de Abril de 1861. »

A resposta da autoridade militar a uma nova pergunta foi a seguinte :

« Boston, 30 de Abril de 1924. O nome de Carlos E. Tompson está inscrito nos registos da Companhia D do 6.º Corpo de Voluntários de Massachussets. Alistado no dia 16 de Abril de 1861. Morto em 19 de Abril de 1861 em Baltimore, Maryland. »

Somers falou das condições da sua vida no novo plano de existência.

Tinha aprendido muitas coisas desde que falecera. Primeiro esteve num estado confuso, impreciso ; parecia-lhe que nada havia que pudesse reconhecer. Achava todavia isto útil para lhe preparar a mudança para melhores condições.

Posteriormente obtiveram-se valiosos testemunhos de Somers através da mediunidade duma senhora.

« Eu voltei — disse êle. Fechei um livro mas quero adicionar-lhe outra página. Houve quatro de entre nós que foram mortos ao mesmo tempo ; Newton, Lang, Whitting e eu. Caímos no espaço de cinco minutos e a menos de 20 jardas uns dos outros. »

Em resposta a um 3.º inquérito, foram obtidas do Quartel General de Mass as seguintes informações :

1.º Lutero A. Lang e Ernesto E. Witting foram membros da Companhia D do 6.º Corpo de Voluntários de Mass. ; ambos mortos em Baltimore a 19 de Abril de 1861.

2.º Carlos E. Tompson foi morto ao mesmo tempo e no mesmo lugar.

3.º O nome do outro soldado parece ser desconhecido; mas o cabo, William J. Needham, foi morto no mesmo dia durante os motins de Baltimore.

Poderá ser talvez este o Newton referido na comunicação espírita. »

Eis um caso que os maiores acrobatismos de raciocínio nunca poderão explicar anímicamente.

Em primeiro lugar, dada a sua espontaneidade e a ausência de prosopopese na pessoa do *médium*, temos de considerar qual seria a origem da visão apercebida.

Seria insustentável a hipótese de que o poder modelador do pensamento, vestindo a personalidade do desincarnado, apreendida nos recessos subconscienciais do parente, pudesse determiná-la, atendendo a que Joe Somers era completamente desconhecido do sobrinho por afinidade com quem o caso se passou, e que, portanto, não podia fornecer ao *médium* os elementos de reconstituição da personalidade do defunto que lhe permitissem formar uma imagem ideoplástica apenas por êle visualizada.

Artificiosa e absurda seria igualmente a suposição de que êsse sobrinho fôsse o misterioso elo que permitisse ao *médium* pôr-se em contacto com outros parentes, melhor instruídos do que êle sôbre a sorte da entidade que se dizia estar presente e de cuja existência posterior ao abandono do lar tudo se ignorava.

Dada a impossibilidade de verificar se a visão teria uma completa analogia com a figura da entidade que se esforçava por se fazer identificar, ainda poderia aventar-se para explicar o fenómeno que ela fôsse apenas um indício que conduzisse o *médium* nos vastíssimos domínios do psiquismo; o que não tiraria a mais pequena parcela do valor teórico à interpretação espírita do caso que analisamos.

Tendo, porém, em consideração os detalhes positivos fornecidos pela comunicação subsequente, não deve repugnar aos mais escrupulosos, que a visão correspondesse à aparência real da entidade comunicante.

Vemos portanto, que nenhuma das hipóteses já enunciadas seria suficiente para explicar êste caso, visto que ninguém havia que tivesse conhecimento dos pormenores relatados, para os fornecer telepaticamente ao *médium*.

Resta-nos analisar se alguma outra hipótese explicaria melhor do que estas o caso em questão.

Emitida também pelo Sr. René Sudre, num momento de dificuldades de interpretação teórica de certas manifestações metapsíquicas, a hipótese que vamos apresentar tem uma certa analogia com a que alguns teósofos extremistas defendem — a das cascas fluídicas — para proclamar um pouco levemente, em oposição a alguns dos mais belos e potentes cérebros que sustentam a teosofia, a inexistência de comunicações espíritas.

Segundo êste metapsiquista, poderia subsistir após a morte uma memória sintética, cópia da memória terrestre, que apropriada pelo *médium* seria a fonte de informações em casos que, como êste, nada autoriza a supôr do conhecimento de alguém com quem o *médium* pudesse relacionar-se consciente ou inconscientemente. Atribuí porém a esta memória uma incapacidade de vida própria e independente.

Havemos de concordar que a hipótese é arrojada e audaciosa, representando todavia já uma fase transitória que a observação e a análise ponderada de tôda a espécie de fenómenos metapsíquicos, lógicamente há de conduzir à aceitação da teoria espírita.

Como se dos resquícios dessa memória fôsse possível extrair um modo de ser e de agir diverso dum automatismo inconsciente!

Ficaria inteiramente por explicar a actuação consciente orientada para um determinado fim.

A hipótese duma sobrevivência individual temporária já foi perfilhada por

um desincarnado cujos horizontes estreitos eram limitados pelas opiniões preconcebidas que tinha ao deixar o mundo.

Trata-se do engenheiro Zaalberg van Zelst que, embora materialista ferrenho, se interessou pelo estudo dos fenómenos metapsíquicos, tendo prometido ao partir, aos seus companheiros de trabalho, seu filho e o seu amigo sr. Mattla, que se porventura a sua sobrevivência fôsse um facto, procuraria demonstrá-la.

Cumprindo a sua promessa, colaborou na invenção de vários aparelhos que, segundo os seus conselhos, se adaptavam a investigações psíquicas, um dos quais destinado a dispensar o concurso de médiuns, e forneceu detalhes interessantes sobre as suas condições de existência astral, formulando todavia a suposição de que ao fim dum certo tempo de existência tudo se acabaria pela dissolução no éter da substância fluídica que o compunha.

E' claro que, como reflexo das suas idéas materialistas, imperava nêle o preconceito da limitação da vida, que alterava necessariamente a sua percepção escondendo-lhe o futuro brilhante da sua existência espiritual.

Forneceu todavia, como já dissemos, os dados mais completos que até hoje possuímos sobre a constituição do corpo astral, corroborando muitos deles as experiências arrojadas da psicologia experimental no vivo e alguns fenómenos espíritas observados no momento da morte, como, por exemplo, o da aparição fantasmática emergindo do moribundo.

A talho de foice vem a exposição duma idéa pessoal que há muito nos obsca, e que, se tivesse realização prática, cortaria o nó górdio da questão entre espiritualistas e materialistas.

Sabendo-se que, no momento da morte, o perispírito ao desprender-se, se acha adensado por um agregado de particulas, muito provavelmente emanadas dos despojos residuais do corpo etérico, que o tornam por vezes visível e capaz de impressionar a placa fotográfica, se se tentasse, pela projecção dum fluido material subtil, possivelmente dos raios catódicos emitidos por uma ampola Crookes-Coolidge, tornar constantes a sua visibilidade e a impressionabilidade da chapa fotográfica, afigura-se-nos que não mais seria possível negar a existência e sobrevivência da alma humana e a sua completa independência do corpo.

Bem sabemos a acção dissolvente que os agentes físicos exercem sobre os fluidos astrais. Como porém no caso do desprendimento da matéria, o perispírito se presume reforçado por partículas etéricas físicas, é possível que uma emissão electrónica, projectada contra êle, fôsse somar-se a essas partículas e reforçar-lhe as suas qualidades impressionistas.

Reduzir-se-hia então o pleito a esclarecer e provar se a sobrevivência seria temporária ou definitiva, o que se tornaria certamente mais fácil dada a posição em que nos encontramos.

* * *

Embora não possa nem deva haver entre o Espiritismo, a Teosofia e todas as outras correntes neo-espiritualistas a mais leve incompatibilidade, e, antes pelo contrário, as deva ligar estreitamente um vivo sentimento de fraternidade, visto que as irmanam as mesmas leis fundamentais no campo filosófico e doutrinário, não podemos todavia, embora inspirados dos melhores sentimentos fraternais, deixar de analisar friamente no campo teórico, a inanidade da hipótese das cascas fluídicas, que o facciosismo de alguns teósofos pretende aplicar invariavelmente à interpretação dos fenómenos espíritas.

Ainda se admite que um metapsiquista materialista, imbuído dos preconceitos de escola e dum arreigado misoneísmo científico, procure architectar teorias inverosímeis para atribuir todas as manifestações metapsíquicas a um fenómeno biológico que exclua a intervenção do espírito humano.

Agora o que se não compreende é que um teósofo, essencialmente déista,

espiritualista, evolucionista através da reencarnação condicionada pelo Karma, e cuja aspiração máxima consiste no cumprimento da lei do dever, que é toda amor e pureza, procure eliminar sistematicamente a comunicação espírita quando na sua iniciação as inspirações recebidas dos Mestres mais não são do que mensagens recebidas do Além, dêses espíritos luminosos que nos guiam na senda da perfeição,

Por os modos de comunicação revestirem um aspecto inabitual, não significa isso que o facto em si não seja da mesma natureza e regido pelas mesmas leis.

Só a ignorância do polimorfismo das manifestações metapsíquicas actualmente registadas, permitiria a afirmação de que todos os processos de que se servem os teósofos nas suas exteriorizações e bilocações não estão perfeitamente enquadrados nos domínios do experimentalismo espírita e metapsíquico.

Há todavia uma faceta extremamente simpática e fértil em conseqüências para a evolução do sêr, na afirmação teosófica de que apenas com a purificação dos sentidos espirituais e na dinamização dos sentimentos altruístas, se alcança o estado propício para receber as inspirações e conselhos dos Mestres, nos êxtasis que acompanham a meditação e a concentração.

Esta afirmação é, porém, corroborada pelos espíritas, que todavia reconhecem que nessas exaltações místicas os perigos excedem, ou pelo menos igualam, os de qualquer sessão espírita experimental; e as efabulações auto-suggestivas delas emanadas, participam dos mesmos erros e originam tão falsos conceitos como os provindos de comunicações espíritas inferiores.

Dissemos que a teoria das cascas fluídicas, cadáveres astrais dos corpos fluídicos superiores, que se condensariam num todo sintético, analogia com as moléculas-gérmens do Dr. Fugairon, involuindo nos vários planos astrais, é insubsistente e inaplicável à interpretação dos fenómenos espíritas, porque ela não vence as objecções que fizemos no comentário da teoria da memória sem individualidade de René Sudre.

Admitindo que efectivamente os elementais, — sêres cuja existência nunca foi scientificamente demonstrada, — pudessem vitalizar êses cadáveres astrais, ¿ como poderiam explicar-se as manifestações de consciência e vontade que as entidades comunicantes revelam?

Seria o mesmo que pretender comparar as contracturas dum cadáver, provocadas por uma corrente eléctrica, aos movimentos conscientes e voluntários determinados pela actuação da alma.

E, então, se fôssemos atribuir aos actores dessa representação mágica as possibilidades que manifestam e que não podiam estar contidas na máscara utilizada, isso corresponderia à criação de sêres com as mesmas faculdades que se imputam aos desincarnados, ou, melhor, atribuir a sêres hipotéticos as potencialidades que caracterizam a alma humana, evidenciadas mesmo durante a vida terrena.

Seja-nos permitido mais uma vez acentuar que a nossa divergência nestes detalhes de interpretação teórica não representa uma preocupação dogmática e sectarista, bem longe dos sentimentos que nos animam. Buscamos apenas a Verdade, onde quer que se encontre e venha donde vier.

* * *

Resta-nos abordar, embora ligeiramente, a teoria ocultista da *leitura no astral* para fazer com ela uma tentativa de interpretação do caso Joe Somers.

Segundo esta teoria, revivida por alguns metapsiquistas contemporâneos, que designam essa memória geral pelo nome de *pantomnésia*, todos os acontecimentos ficariam registados na ambiência, de modo que o *médium* que tivesse a faculdade de decifrar os misteriosos hieroglifos do éter, poderia reconstituir os factos tais como se tinham passado, informando ocasionalmente os míseros mortais que não possuem tão maravilhosas faculdades, da realização dum acontecimento ou das vicissitudes duma existência, que no caso em questão seria a de Joe Somers.

¿ Como se explicaria então que elle não visse immediatamente as coisas como se tinham passado, advertindo o parente do falecido de que este se tinha inscrito sob o nome de Carlos E. Tompson e não de Joe Somers?

¿ Porque razão um segundo *médium* iria completar as informações recebidas pelo primeiro, que segundo a hipótese que analizamos lhe deveria facultar todos os elementos de conhecimento?

Esta teoria, que muito de perto roça pela interessante hipótese do Éter-Deus, formulada por alguns dos mais illustres metapsiquistas e segundo a qual os attributos da Divindade — Omnipresença, Omnisciência e Omnipotência — estariam consubstanciados no Éter, não seria sufficiente, como vemos, para ilucidar os pontos obscuros do caso que analizamos.

A despeito de tôda a opposição dos nossos pertinazes contendores, somos forçados a reconhecer que a única hipótese scientíficamente legítima para o explicar, é, como o procurámos demonstrar, a teoria espírita.

Sendo a finalidade das manifestações espíritas, como muito bem o afirmou Sir Artur Conan Doyle, em resposta ao inquérito desta revista, a produção de mensagens de desincarnados que nos instruem sôbre as condições da existência *post mortem*, em função das condições do passado, segundo uma linha evolutiva resultante dum lógico encadeamento dos actos praticados através de inúmeras existências, torna-se todavia indispensável, como único critério de certeza, o estudo minucioso dos fenómenos em que assentam as doutrinas.

Por isso é que, como meio de propaganda, nos países em que o Espiritismo está mais avançado e conta maior número de adeptos, os *médiuns* se especializam, não na produção de mensagens filosóficas e místicas, mas no objectivo de fornecer provas inequívocas da comunicação dos desincarnados. As consequências filosóficas que daí resultam sobressaem naturalmente como a sua verdadeira finalidade.

Em Inglaterra as conferências de propaganda dos princípios são sempre acompanhadas de sessões de clarividência. Pessoas desconhecidas vindas pela primeira vez às associações que promovem reuniões de propaganda, recebem dos *médiuns* esclarecimentos tão completos das entidades invisíveis que as acompanham, que lhes permitem identificá-las absolutamente.

São estas provas inequívocas da realidade do Espiritismo que hão-de robustecer a fé consciente e raciocinada que arrebatará esta pobre humanidade em voos de águia a regiões de sonho, levando-a a cumprir os seus altíssimos destinos.

PEDRO CARDIA

*As nuvens podem esconder uma estrêla, mas
as nuvens passam e a estrêla fica.*

VAUVENARGUES

Aprende a viver, saberás bem morrer.

CONFUCIO

*A consciência é o melhor livro de moral
que nós temos e aquele que mais se deve con-
sultar.*

PASCAL

*A virtude tem muitos prègadores e poucos
mártires.*

HELVECIO

A Vida do Além

Perturbador mistério este, o de Além-túmulo!...

¿ Poderemos nós, os de Aquém, penetrar o segrêdo da estupefaciente realidade do *post-mortem*?

Para conhecer, *de sensu*, o que seja a morte, é fatalmente necessário morrer. Do mesmo modo, para devassar os arcanos da vida do Além, é inevitavelmente preciso vivê-la.

¿ Como poderíamos, de facto, ajuizar do que em todas as suas particularidades escapa à mais arguta percepção?

Todas as escolas filosóficas, desde a mais remota antiguidade, percorrendo as notas da extensa gama da hipótese, que encerram por vezes parcelas de verdade, mas não podem integrá-la, procuraram decifrar o espantoso enigma, aliás sem resultado que à nossa razão satisfizesse. E o motivo é óbvio. E' que, ao que se me afigura, a solução do problema só poderia ser pedida aos que estão em condições de no-lo revelar. E, sôbre estes assuntos de natureza transcendente, os seus ensinamentos não acham eco na nossa mentalidade de seres adstritos à contextura grosseira da matéria, e portanto inadapáveis à sintonização com as tonalidades da vertiginosa vibratilidade de espíritos já liberados, únicos depositários do segrêdo de Além-túmulo.

Esta sêde insaciável de conhecer o nosso ulterior destino tem de contentar-se, pois, com o grau de verosimilhança que às nossas conjecturas possa dar o resultado de comparações entre as mensagens dos desincarnados e os estudos experimentais do Espiritismo.

A minha razão, conscienciosamente interrogada, leva-me à convicção de que o Além não é um depósito de almas, uma espécie de armazém de retém, donde possam ser novamente revocadas à existência terrena, à medida das necessidades do consumo dos salões elegantes ou dos esconsos miseráveis das trapeiras nos mundos habitados as que estejam à espera de vez para entrar em scena.

Sêres imateriais, constituídos por um fluido etéreo, servindo de mediadores entre os princípios espirituais e os corpos, as almas têm dimensões definidas; não podem pois limitar espaço, quer incarnadas, quer já liberadas. Cada uma se transporta em peregrinação incessante dum ponto a outro da amplidão etérea com uma velocidade que é função do seu estado. E são êsses estados de alma, conquistados individualmente em lutas interiores durante séculos de séculos e em combates frente a frente contra a hostilidade do meio cósmico e social, nos vários estádios da existência planetária, que constituem o Além, a vulgarmente denominada *outra vida*.

Para cada alma desincarnada há pois um além privativo, formado pelo ambiente fluídico da aura que ela própria, na sua actuação, condensou à volta de si. Dissipada a perturbação do transe agónico, a visão psíquica lhe ilumina a aura e mostra-lhe, impressas nela, como gravadas em bronze, as memórias registadas no subconsciente ressurgido de todas as suas anteriores encarnações.

E' atormentada pelo diorama das scenas delituosas que a amesquinham e de que foi protagonista, que a alma se depura. Buscando sedação à dor do seu vexame na contemplação das que a dignificaram, fortalece os seus instintos generosos, retemperando-os na reacção que a idéa inata da estética moral exerce contra a hediondez da mancha. E consegue afinal comunicar através do invólucro em que se isola, lentamente desbastado, com os desincarnados que em igual fase evolutiva gravitam no mesmo plano, atraindo-a para a associarem às árduas missões

colectivas em cujo desempenho devem preparar-se para ter acesso a estádios progressivos da vida espiritual superior em subseqüentes encarnações.

Das vitórias alcançadas pelas almas depende a hierarquia espiritual, formada de entidades, que, quando puras de tôda a mácula, são poeticamente simbolizadas pelas diferentes religiões nas ordens celestiais dos anjos, arcanjos, querubins, serafins, etc.

Ora, hierarquia subentende diferenciação ; diferenciação subentende progresso. E progredir, no plano moral, é adquirir potencialidades novas, é poder subir, de radiação em radiação, à mais ampla plenitude de consciência e de amor, o que constitui a remuneração do esforço próprio, um prémio condigno da virtude do trabalhador.

¿ Como poderemos nós então, seres imensamente atrasados em relação àqueles, compreender entidades cuja linguagem é entretecida de imagens estranhas ao quadro dos nossos pensamentos?

Podem êsses espíritos superiormente evoluídos ter o mais sincero desejo de nos esclarecer ; em nós, no nosso intellecto acanhado, é que não há capacidade para entendê-los.

E tanto isto é assim, que os grandes instrutores da humanidade, os *Mestres*, espíritos que das categorias mais altas volvem oportunamente a incarnar no nosso globo, quando o desvairamento das paixões humanas, sofismando os mais incontrovertidos princípios da Moral, ameaça subverter os sagrados ideais do Bem e da Justiça, só podem transmitir-nos as verdades eternas de que estão de posse, envolvendo-as, em geral, no véu da metáfora e da parábola, acessíveis apenas à percepção dos discípulos, iniciados que trazem por sua vez a missão de as explanar em conceitos adequados à mentalidade vulgar e consentâneos com o momento e a scena do correspondente período histórico.

Tais foram Buda, Confúcio, Maomet, Sócrates, Platão, o sublime apóstolo do idealismo, Cristo, a divinal personificação do Amor, a mais pura radiação de Luz que jámais fulgiu na Terra.

Seres de menos elevada hierarquia, mas bastante evoluídos já, podem do Além comunicar conosco, segundo o atestam numerosas mensagens verbais e escritas sôbre assuntos morais e filosóficos, de cuja origem não é lícito duvidar, tal é a pureza e elevação da doutrina, transmitidas por médiuns insuspeitos pela principal e ultraconvincente razão da sua incompetência para as produzir anímicamente.

Cada espírito, porém, se refere, segundo o critério que lhe dá o seu adiantamento, ao Além que conhece, isto é, ao seu presente estado de alma, tal qual como antes de desincarnarem falavam das coisas, segundo o conhecimento que induziam da maneira por que elas os impressionavam.

Para satisfazer aqueles a quem por não terem meditado assaz o assunto, estas conjecturas possam parecer fantasiosas, reproduzo da « *Revue Spirite* » parte dum artigo do grande mestre Ernesto Bozzano :

« Do mesmo modo que um cego de nascença não conseguirá nunca figurar o que são as côres, nunca a mentalidade dos vivos logrará conceber em que consiste exactamente a existência espiritual. Mas, ao mesmo tempo, como um cego de nascença não pode inibir-se de formar uma idéa qualquer das côres, idéa que, conquanto não corresponda à realidade, lhe serve para fixar o seu pensamento a tal respeito, assim os ensinamentos que nos são transmitidos sôbre a existência espiritual, a-pesar-de desfigurados pela mentalidade do médium, poderiam ser-nos úteis sôbre o facto fundamental de que as *esferas*, ou os estados espirituais, não seriam representadas pelo vácuo no espaço, mas constituíriam meios relativamente substanciais apropriados aos seres espirituais que aí residem ; entretanto estes viveriam aí uma vida atarefada e muito variada, porque estariam no meio espiritual os *equivalentes* das actividades e das aspirações mais nobres da humanidade incarna-

da; actividades sensoriais, afectivas, artísticas, filosóficas, sem contar as actividades de natureza essencialmente espiritual, que nós não podemos conhecer.»

Vem a propósito citar aqui a linda e conceituosa fábula de Sir Oliver Lodge, publicada na «*Light*» de 14 de Janeiro do ano corrente, intitulada «*O Peixe e a Ave*»:

Uma sôlha solitária abria caminho para a beira dum lago da Escócia, a-fim-de se aquecer. Aconteceu que uma andorinha voou para ali, roçando pela água, dum lado para o outro. O peixe ficou embaçbacado perante a entrevista aparição e murmurou consigo: «¿ Então, afinal, há realmente seres vivos lá em cima?! Eu sempre pensei que podia ser. Tem havido vários indícios. Os nossos nadadores livres teem referido alguma coisa, mas é tudo fantasioso, irreal. E' mais seguro fixarmos-nos com firmeza no chão. Podemos ao menos ter a certeza do nosso lodo e da nossa areia. O resto é imaginação».

Então como a andorinha voasse de novo por ali, perguntou-lhe:

«Que és tu? Tens barbatanas?»

A andorinha respondeu de pronto: «Nós não nadamos; nós voamos». E depois ajuntou benèvolamente como respondendo a uma interrogação muda: «E' quasi o mesmo, na verdade; apenas mais belo, mais veloz, mais alegre. Temos penas, coisa que nem sonhais. Liberamo-nos acima da terra e podemos vencer imensas distâncias. Mesmo os vossos nadadores não sabem nem metade do que há para conhecer».

O peixe ficou espantado e mudo por algum tempo, mas em breve recuperou a sua habitual presença de espírito e respondeu depois voluvelmente, sem hesitação: «E' muito extraordinário. Nós, na verdade, não temos acreditado na vossa existência. Alguns dos nossos dizem que sabem voar; pelo menos, por pouco tempo. Disseram-nos ter avistado algumas criaturas durante os seus vôos; mas, aqui para nós, não são acreditados. Dizem-nos que quando estão à superfície podem então ver para longe e predizer a aproximação dèsses cascos escuros que nos perturbam por vezes; mas com freqüência se enganam. Entendemos que o vôo deve ser suprimido. Não consentiremos em ser enganados».

A andorinha pairou um momento a escutar esta última confissão e disse, volvendo o olhar para cima: «Fazeis bem em não vos deixardes enganar. Mas pode haver mais duma espécie de enganos. ¿ Estais precavidos contra os vossos próprios erros? Pouco sabeis das glórias da existência».

«Conhece-las tu todas?» pergunta a sôlha tentando deitar a cabeça de fora de água e ficando sufocada na tentativa. «¿ Percebes bem tudo lá em cima, na tua liberdade de vôo? Dize-nos como na realidade é o teu mundo».

«Eu não to posso dizer, — respondeu a andorinha. Não me entenderias. E' qualquer coisa como o vosso mundo, mas muito mais belo. Vós também tendes lindas coisas aí, se olhardes para elas, ou se escutardes os vossos nadadores. Eles falam-vos de pedras brilhantes, de plantas marinhas e de conchas. Até as vossas escamas são belas. Mas nós, nós temos árvores, flores, frutos; voamos sôbre montanhas iluminadas e alegramo-nos com os aguaceiros, com a luz do sol, com o arco-iris, com o orvalho. Construimos ninhos nos celeiros e nas igrejas; nós...»

«Não sei o que estás dizendo — interrompeu o peixe. — Que coisa são igrejas, na Terra?»

«Ah! Exiges mais que o que eu sei — disse a andorinha. — Há muitas coisas que nós ainda não sabemos. Ignoramos por que razão foram edificadas. São algum tanto parecidas com celeiros; mas têm mais saliências e enfeites. São um pouco diferentes. Parecem representar vistas dum mundo mais alto ainda que o nosso».

«Ai de mim! — disse consigo a sôlha quando as últimas palavras da andorinha se perderam no silêncio. — Ela não pode dizer-nos como é o que a rodeia e alude a regiões mais incompreensíveis ainda... Não! E' tudo demasiado vago e indefinido. Fizemos bem em não crer em coisa alguma para além do nosso meio.

Se eu fôsse dizer aos outros que estes peixes voadores tinham contado alguma coisa verdadeira, seria escarnecido. E' melhor não dizer nada. E, contudo... se eu fracamente me lembro de que na minha infância nadava mais livremente... Ai! Esses fracos lampejos apagaram-se... Tenho de contentar-me com a luz do presente».

Dizendo isto começou a retirar-se rastejando e fixou-se mais uma vez no seu lodo.

Mas esta experiência não foi inteiramente perdida. O peixe não podia resistir de vez em quando a dizer alguma coisa ao acaso, a despeito do desprezo dos seus companheiros, e sentia-se realmente mais feliz, posto que mais consciente da sua ignorância do que o era antes.

E contudo ainda perguntava admirado porque é que o pássaro não podia esclarecê-lo melhor sôbre a natureza do seu mundo».

Dá-nos ainda Bozzano uma mensagem do Dr. Scott, que igualmente concorda com o que digo acima :

« Transmito o meu pensamento ao vosso cérebro, mas transmito muito mais do que recebeis. Como não podeis compreender tudo que digo, não conseguireis assimilá-lo. Quási todos os humanos podem estabelecer relações com o mundo espiritual, se o desejarem; mas para lá chegar é preciso um longo processo de desenvolvimento porque o fenómeno consiste na sintonização de duas tonalidades cujas vibrações são muito diferentes. Daí a dificuldade enorme para a vossa mentalidade, de perceber o que vos transmitimos. Eu esforço-me por vos transmitir alguns esclarecimentos a respeito da nossa existência espiritual; mas vós recebeis apenas impressões vagas e obscuras, porque não podeis dissociar a vossa mentalidades das idéas concretas terrestres».

Ninguém alimenta hoje a crença pueril das idades primitivas do homem, de que os espíritos que vagueiam na erraticidade sejam entes sobrenaturais. Esses peregrinos da amplidão infinita são os princípios que dirigiram na Terra os actos de criaturas semelhantes às que a habitam agora, segundo o que sentiram, pensaram e quiseram, e conservam no seu invólucro perispiritual as modalidades do seu sentir, pensar e querer, as características psíquicas da personalidade que cada uma revestiu e restituiu integralmente ao Cosmos na despedida.

Temporariamente obnubilada pelo transe agónico do passamento, ao tomar posse de si, a alma não muda. O que foi aqui, será lá : abnegada ou egoísta, veemente ou apática, recta ou improba, altiva ou submissa, amável ou malévola, ponderada ou fútil, sagaz ou inepta; conserva os defeitos que não soube corrigir aqui; as aptidões que adquiriu; tem os mesmos vícios, as mesmas virtudes; a mesma ignorância, causa freqüente de erros a que pode consciente ou inconscientemente induzir-nos por sugestão, os mesmos conhecimentos que, alargados em fases ulteriores da sua evolução, são a origem dos judiciosos conselhos que, por vezes, nos são segredados tão discretamente que chegamos a tomá-los vaidosamente como intuições geniais nossas.

Das mensagens que podemos assimilar, isto é, das que recebemos de entidades no mesmo grau evolutivo que nós, das comunicações mesmo de espíritos atraídos, depreendemos que levamos daqui as nossas antipatias como os nossos affectos, amizades fraternas, piedade filial, ternura materna, amor conjugal; e que êsses sentimentos perduram e se revelam em ulteriores encarnações, por atracções e repulsões aparentemente inexplicáveis entre indivíduos que julgam sinceramente nunca se terem visto antes do momento psicológico em que se sentiram por instinto atraídos ou repelidos reciprocamente.

Da persistência de tais affectos falam bem inequivocamente, entre outras, a seguinte mensagem verbal de Branca de Saboia, documentada com os arquivos indicados pela própria aparição, referida também por Bozzano. Essa visão teve-a, visitando um antigo castelo, o engenheiro Joseph Costa, reencarnação provada de Iblet de Challant, nascido em 1330 na situação de cavaleiro medieval :

«Iblet, quis ver-te antes do grande dia em que a divina morte nos reunirá de novo para que tu recebas na lembrança de mim a fé que te abandona, tornando-te sempre duros os laços da vida... Guarda a recordação do meu rosto e da minha alma que foi boa e que encontrou na tua a alma-irmã que eu espero na hora solene...»

Dum livro de comunicações espíritas transcrevo um excerto de comunicação do soldado Maurício, morto na batalha do Marne, tocante nota de piedade filial:

«Particularmente o que peço a Deus é que me mande a minha velhinha. Não sabe ela, felizmente, ao certo, da morte de seu filho estremecido e por isso supplica sempre a Deus pela sua vida. Eu vejo-a daqui e sou eu agora quem vela por ela com a mesma solicitude com que ela velava por mim. Todas as noites a visito e são os sonhos felizes que ela passa a meu lado que lhe dão coragem para esperar o seu dia de redenção no mundo. Pobre mãe! Desprendido daí, aí me liga ainda este amor dulcíssimo, numa ternura infinita».

Mas para que fazer mais transcrições?

Na vasta literatura espírita mundial super-abundam as mensagens psicografadas e os relatos de incorporações de espíritos perfeitamente identificados, em sessões superiormente dirigidas, que corroboram a asserção de que todas as modalidades da nossa actividade psíquica subsistem depois da morte: sentimentos benévolos ou hostis, piedade e malquerença, pungir de saudade, dor de arrependimento, anseio de desfôrço por injúrias recebidas, propósitos de reparação de faltas praticadas, avareza, concupiscência, orgulho, tudo.

; Mas onde reside o princípio dessa actividade?

No nosso perispírito, com certeza na sede da memória, essa poderosa faculdade que por sua ordem acumula nos seus estratos os fac-símiles de tudo o que sentimos, pensamos, aprendemos e quisemos.

Indelévelmente gravada nêsse inviolável arquivo, persiste com o carácter de eternidade tôda a idéa que nos ocorreu em vida, todo o pensamento bom ou mau que tivemos, todo o acto que praticámos, tôda a virtude que nos dignificou, todo o delicto de que nos tornámos réus, as emoções que foram transmitidas ao nosso espírito na série das nossas sucessivas encarnações. E' essa fôrça recôndita que fará perpassar a cada instante no nosso campo de visão interior o diagrama das nossas existências em que ficou registado o que fomos e o que praticámos, que nos impele a reviver, continuamente depurado, o nosso inato psiquismo.

Compenetrado da realidade viva dêsse hieroglifo que só a êle é dado decifrar, juiz e réu a um tempo, o desincarnado entrará contente ou pesaroso no grupo com o qual subirá a Regiões de Luz, segundo a sua categoria, mergulhará temporariamente nas gemonias da dor e do desespero ou vagueará absorto na lição do passado. E subordinado à lei do trabalho — o providencial redentor — atenuará as faltas cometidas, desempenhando missões inumeráveis que não podem deixar de ser as de espíritos valedores, curadores, conselheiros, de auxiliares invisíveis, enfim, solidários em todos os campos da actividade com os irmãos que nos meios de prova trabalham, lutam e sofrem.

AMÉLIA CARDIA

O Espiritismo não tem sacerdotes, nem ritual, nem anátemas: o seu templo é o Universo, o seu culto a Virtude e o seu ideal a Perfeição.

A. L. VILELA

Experiências Metapsíquicas ✓

II

No dia 9 de Fevereiro de 1920, fazendo uma sessão com o médium, a Condessa de Castel Witch, aconteceu o seguinte:

Eramos três pessoas: o médium, uma outra senhora nossa amiga, e eu. Estávamos numa sala pequena onde havia um piano. As criadas tinham saído; não obstante, como de costume, fechei à chave as portas da pequena sala. Puxámos para perto de nós o banco do piano, que era quadrangular, e depois de apagar a luz, encadeámos as nossas mãos em volta dêle.

Fomos logo tocadas por mãos misteriosas que nos deitaram flores, vindas de uma jarra longe do nosso alcance. Em seguida dois grandes livros de música, também longe de nós, foram projectados sôbre o centro do banco do piano; ouvimos tocar uma campainha, que tão depressa se aproximava, como se afastava, e que, de repente, foi arremessada ao chão. Depois da experiência constatámos, que uma das lâmpadas do piano, tinha sido desaparafusada e o som que ouvimos era produzido pelo bater do *bobèche* na lâmpada.

Depois dêste fenómeno, no piano fechado, foram tocadas notas soltas. Pedi que tocassem um compasso da ópera «*Serrana*» e logo o piano vibrou uma frase musical, mas dum canto desconhecido de nós. (Vide gravura n.º 1).



Fig. 1

Pedi que nós dissesse que frases de música eram aquelas, pois não eram da «*Serrana*», como eu tinha pedido. E por tictologia, foi-nos respondido que eram da ópera «*Irène*» do maestro Keil.

— Mas em que página da partitura, poderei eu encontrar essas frases? — perguntei eu... e, sem demora, mão pequenina bateu 24 vezes, levemente sôbre o meu ombro.

— Se êsses toques, querem indicar a página 24 da partitura, mexam na minha cara, — e logo qualquer coisa de frio e húmido se encostou na minha face.

Quando verifiquei na partitura, encontrei efectivamente, na página 24, os compassos tocados no piano. Fazem parte dum câro religioso.

¿ Como explicar êste fenómeno fora da teoria espírita?... E' certo, que havia 20 anos, eu tinha ouvido cantar esta ópera e, por conseguinte, segundo os adeptos do subconsciente, ela estava tôda impressa em mim própria.

¿ Como explicar, porém, que o meu subconsciente soubesse o número da página onde se encontrava o canto ouvido dentro do piano fechado?... Apesar-de possuir essa partitura, nunca a tinha, nem, sequer, folheado...

Há quem explique estes fenómenos pela acção do nosso duplo, que no final se renega sempre, pois que se apresenta com nomes diversos do nosso!...

Este duplo negando-se assim, faz-nos pensar que é um oposto ao nosso sêr material, pois que parece ter tanto prazer em se enganar a si próprio!

Estes fenómenos de música são muito interessantes e passamos a relatar um outro, não menos curioso.

Desta vez não foi com a Condessa de Castel Witch que êle se produziu, mas com outro médium, com o qual tantos fenómenos se realizaram em casa do falecido professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, e muito meu amigo, Dr. Oliveira Feijão.

Eis o que se deu: Estávamos, Madame Machado, que era o médium, Teixeira de Lemos, seu filho Helder, hoje falecido, e eu. A experiência teve lugar em casa do Sr. Teixeira de Lemos.

Das pessoas presentes, a não ser eu, ninguém sabia uma nota de música. Depois de vários fenómenos de levitação de mesa, de deslocação de objectos, de toques, etc., pedi à entidade presente, fôsse ela quem fôsse, que tocasse no piano, longe do nosso alcance, a frase musical que eu ia cantar. E trauteei uma frase da ópera «*Serrana*», e logo no piano aberto, foi repetido em mais de uma oitava o compasso que eu acabava de cantar, mas em menor, em vez de maior, e num outro tempo. O maravilhoso é o seguinte:

Eu tinha trauteado uma frase da «*Serrana*», que tem lugar no primeiro acto da ópera, mas cantei-a com uma notável diferença de tom, de ritmo e de compasso.

O ritmo e o compasso, que eu erradamente atribuí ao canto em maior do primeiro acto, pertencia ao mesmo canto, mas em menor no terceiro acto. (Vide gravura n.º 2).



Fig. 2

Ora, somos obrigados a constatar, que uma entidade inteligente, sabendo música, desejou provar-me que aquela manifestação musical não era um eco do que se passava em mim, pois que repetiu ao piano o que eu cantei mal, dando-lhe o seu verdadeiro carácter e o verdadeiro compasso que eu tinha alterado; parecia não só desejar demonstrar-me que conhecia a partitura, mas, ainda, chamar a minha atenção sobre o meu êrro!...

Do que não resta dúvida é que tudo isto é emocionante. Existem realmente manifestações que parecem provar-nos a independência moral de alguém, agindo de motu próprio, fora de nós, obedecendo ao nosso desejo e ao nosso pensamento!... Infelizmente, existem lacunas graves, que nos permitem de reflectir e de pensar que talvez todos estes fenómenos, tão sensacionais, não venham de nós, só *de nós*, por processos desconhecidos, que o futuro desvendará.

Lisboa.

MADALENA FRONDONI LACOMBE

A ALMA HUMANA

(NEO-PSIQUISMO EXPERIMENTAL)

VI

A concepção clássica do ternário humano admitida pelo Espiritismo — *corpo físico ou sarcosoma, perispírito ou corpo astral, e espírito* — não implica necessariamente a homogeneidade do perispírito. A sua heterogeneidade impõe-se com toda a evidência, porque, se assim não fôsse, era inconcebível a ligação com o corpo físico por seu intermédio. Sendo de natureza homogeneamente similar a parte do corpo astral em contacto com o espírito e com o sarcosoma, *sem camadas de transição sucessiva e ascensionalmente mais quintessenciadas*, seríamos levados à conclusão que o espírito era susceptível de se ligar directamente com o corpo físico e uma só ordem de vibrações regeria o complexo dinamismo psíquico e metapsíquico, onde se desenrolam todas as inúmeras modalidades da consciência humana.

A lei da analogia, baseada na diferenciação do corpo físico em órgãos, aparelhos e sistemas, leva-nos à conclusão que existem necessariamente sistematizações delicadas e complexas na natureza e estrutura do perispírito, correspondentes aos diversos departamentos do domínio psíquico, diferentemente eterizados, tendo por complemento uma série de estados vibratórios variáveis com as suas naturezas supereterizadas, correspondentes a todas as manifestações emocionais, mentais, imaginativas e volitivas.

O coronel A. Rochas d'Aiglun, um dos mais notáveis experimentadores e inovadores nos domínios recônditos de Metapsíquica contemporânea, obteve uma comunicação medianímica dum espírito desincarnado que se subscrevia com o nome de Vincent, dizendo ser habitante dum outro planeta. Este espírito afirmava que o corpo astral ou perispírito é constituído por uma série de envólucros mais ou menos eterizados de que se vão desfazendo sucessivamente à medida que se elevam na escala da evolução, não sendo embutidos uns sobre os outros como os tubos dum telescópio, mas interpenetrando-se em todas as suas partes.

Esta concepção só é compreensível racionalmente admitindo que as camadas mais quintessenciadas interpenetrem, sucessiva e gradualmente, as mais grosseiras, sem que estas pela sua natureza mais densa possam invadir as mais rarefeitas, pois só assim se pode compreender a lógica continuidade na linha de transição do corpo físico para o espírito, ficando a camada mais tênue como primeiro envólucro do espírito e interpenetrando todas as outras até à mais densa que estará em contacto directo com o corpo físico. E, assim, fica satisfatoriamente explicado todo o mecanismo de ligação por acção vibratória, sem confusão, e com a autonomia das diferentes camadas que constituem o corpo astral — camadas representativas dos diversos veículos da actividade espiritual — sobrepondo-se as mais grosseiras do corpo físico para o espírito e, reciprocamente, descendo as mais supereterizadas do espírito para o corpo físico.

Nos principais sistemas espiritualistas filosóficos e religiosos encontra-se a tendência natural para a decomposição do perispírito nos seus elementos constituintes, mais ou menos abstractamente, como necessidade de estudo e hipótese de trabalho. A necessidade e utilidade desta dissociação impõe-se para melhor estudar a anatomia e fisiologia dos seus envólucros e, assim, melhor penetrarmos no estudo

analítico do dinamismo psíquico das *almas secundárias*, veículos de toda a actividade cinética das potencialidades que germinam no espírito humano.

A ordem e método providencial que presidem a toda a anatomia e fisiologia orgânica na escala animal, leva-nos, por analogia, a admitir que as complexas e variadas funções psíquicas inatas à alma humana não se podem acotovelar num mesmo departamento, numa confusão indescritível, mas que estejam metódica e regularmente distribuídas e seleccionadas em compartimentos anímicos especializados à sua função especial, subtilizados na sua hierarquia ascensional desde a génese do pensamento e da consciência moral até à ideia abstracta e intuitiva. Só esta concepção de ordem categorizada é compatível com as funções delicadas, complexas e transcendentales das variadas modalidades da mecânica psíquica, só podendo ser exercidas por órgãos anímicos especializados à semelhança com o que sucede no corpo físico em que a estrutura celular varia de órgão para órgão, de sistema para sistema, de aparelho para aparelho, numa concatenação admirável e maravilhosa, ainda que efémera e transitória, representativa da *evolução da forma*, mais ou menos paralela à *evolução anímica*, que é, em última análise, a verdadeira e definitiva evolução através do infinito e da eternidade, como expressão do mais alto significado do sentido profundo da vida.

Como vamos ver, a psicologia experimental veio, nos últimos anos, comprovar o acerto de grande número destas suposições.

* * *

Foi o coronel Albert de Rochas d'Aiglun, antigo director da Escola Politécnica de Paris, o inovador do metapsiquismo experimental, revolucionando toda a psicologia, arrancando-a dos domínios obscuros da abstracção e da metafísica, fazendo-a entrar no campo da observação e da análise directa, com a sua imortal descoberta da — **exteriorização do duplo** — no fim do século passado, quando pretendia estudar os resultados susceptíveis de serem obtidos com uma magnetização profunda, contínua, que fez persistir sobre o *passivo* durante algumas horas, a-fim-de observar os efeitos duma hipnose profunda.

A memorável descoberta do *desdobramento do corpo humano*, fazendo ruir os melhores alicerces do materialismo reinante, abriu um novo ciclo à operatividade do psiquismo anímico, rasgando-lhe novos e dilatados horizontes, tão imprevistos quanto profícuos nos seus resultados ulteriores.

O fenómeno do desdobramento do duplo apresentou ao coronel Rochas d'Aiglun três fases distintas e sucessivas: na primeira, declara o *passivo*, ver formar à sua esquerda uma nuvem fluídica, vaporosa, azulada, que progressivamente se ia condensando, tomando a forma de toda a metade esquerda do seu corpo físico; na segunda fase, paralelamente, via formar-se uma nuvem fluídica alaranjada que também progressivamente se ia condensando, tomando a forma de toda a metade direita do seu corpo físico; na terceira e última fase, o semi-fantasma direito passava por detrás do passivo para ir fundir-se no semi-fantasma esquerdo, formando, assim, o duplo completo, reproduzindo fluídicamente todo o corpo físico, mantendo a princípio a côr azul sobre todo o lado esquerdo, e alaranjado sobre todo o lado direito, ligando-se ao corpo físico por um cordão fluídico da grossura dum dedo, inserido em plena região esplénica (baço).

Assim foi descoberto, scientificamente e por processos magnéticos, o *desdobramento do duplo humano*, ponto de partida para as célebres descobertas e estudo da **exteriorização da motricidade e da sensibilidade** que immortalizaram o nome do grande sábio Rochas d'Aiglun e dos seus eminentes continuadores: Drs. Boirac, Baraduc, Joire, Broquet, etc., que imprimiram uma nova orientação ao estudo experimental da dinâmica psíquica, chamando ao campo da investigação e experimentação laboratorial um grande número de fenómenos supranormais e hiperfísicos, deformados no espesso veu da superstição e do milagre.

Recentemente, ainda por processos magnéticos de técnica difícil e muito delicada, eminentes experimentadores como Lefranc, Charles Lancelin, Zatta, Zaalberg e outros, conseguiram dissociar as diferentes camadas e envólucros do perispírito em *almas secundárias*, estudando a sua biologia orgânica e psíquica, de que vamos dar um ligeiro resumo, tomando por base, principalmente, os últimos trabalhos de Lefranc e Lancelin.

Charles Lancelin serviu-se de preferência de processos magnéticos de técnica difícil e complexa, visando estados de hipnose profunda nos seus *passivos*, tendo o processo magnético inúmeras vantagens pela sua acção suave, tónica e de gradação relativamente fácil, sobre os processos brutais do hipnotismo, que, por vezes, produzem um intenso abalo nervoso nos *passivos*, além de muitas outras desvantagens, como tantas vezes temos observado nas nossas experiências pessoais.

Lancelin, discípulo querido do coronel Rochas d'Aiglun, serviu-se de vários *passivos*, mas muito especialmente de M.^{me} Lambert, favorito e já treinada pelo coronel d'Aiglun e que tanto contribuiu pela sua dedicação e invulgares faculdades medianímicas para as suas memoráveis descobertas metapsíquicas sob o criptónimo de M.^{me} Lux.

Em todas as suas experiências, Lancelin fez-se assistir de vários *passivos-testemunhas*, para verificar os resultados, quer por *clarividência natural* e espontânea, aliás rara, quer pela *clarividência artificial* ou sonambúlica, obtida por hipnose magnética.

Não entramos em detalhes sobre as condições a que deve satisfazer o gabinete de experiências tão delicadas, impondo-se o seu isolamento silencioso e calmo, não sendo estranho à técnica e bom resultado das experiências os seus coeficientes térmico e higrométrico. As condições de higiene moral e dietéticas relativas ao *sensitivo* também exercem capital importância para o bom resultado final. Por outro lado, o operador deve ter amplos e profundos conhecimentos sobre magnetismo, e uma longa prática na técnica das suas múltiplas e complexas aplicações, devendo possuir a máxima serenidade, poder de vontade e reflexão para resolver com segurança e rapidamente todos os casos complexos e inesperados que possam surgir no decurso de tão delicadas experiências, acarretando graves responsabilidades morais e legais para o magnetizador, que não deve ir de ânimo leve para experiências tão transcendentais e complexas, orientando-se sempre num fim nobre e elevado.

O *passivo* instala-se comodamente numa poltrona ou *maple* tendo ao seu lado esquerdo três outras poltronas iguais, à distância de um metro umas das outras, que designaremos respectivamente pelos números 1, 2, 3 e 4.

Por passes magnéticos longitudinais clássicos adormece-se o *passivo*, levando-o até à letargia profunda e daí ao sonambulismo, mais ou menos profundo, por uma ligeira fricção da mão direita do operador sobre o alto da cabeça do *passivo* (vertex), de onde resulta o *desdobramento do duplo integral*, contendo o ego individual, composto do espírito e do perispírito com todas as camadas representativas das diversas *almas secundárias*. Este fantasma completo ou duplo integral é designado por Lancelin — *aerosoma n.º 1* — que, por sugestões apropriadas, se força a instalar-se na poltrona n.º 2, ficando ligado ao corpo físico por um cordão fluídico, denominado *cordão vital*.

Actualmente já não se usa a magnetização demorada, sobretudo quando se opera com um bom *passivo* convenientemente treinado. Em geral, é suficiente uma sugestão verbal imperiosa, intensamente volitiva do magnetizador, impondo ao *passivo* a desarticulação do duplo do corpo físico, auxiliada por alguns passes magnéticos longitudinais, evitando, assim, trabalho e fadiga ao operador.

Continua.

ANTÓNIO J. FREIRE

INQUÉRITO

I



Sir Conan Doyle

Inicia esta revista no presente número o inquérito que fez a várias notabilidades scientificas e literárias estrangeiras sôbre o valor do Espiritismo e sua influência no pensamento neo-espiritualista contemporâneo.

Inaugura esta secção o depoimento de sir Artur Conan Doyle, médico, romancista e historiador insigne de renome mundial.

A sua última obra — «História do Espiritismo» — é um admirável trabalho analítico da evolução do Espiritismo como no seu género não existia até agora na vasta literatura espírita obra tão perfeita e completa.

No último Congresso Internacional de Espiritismo, realizado em Paris, em 1925, obteve um successo sem precedentes, quer nas conferências públicas que ali realizou, quer na apresentação dos seus memoráveis trabalhos sôbre materializações de pessoas de sua familia, falecidas há anos.

Caro Senhor :

Seria preciso um livro para responder com propriedade às vossas perguntas. De facto, escrevi um livro, « **A Nova Revelação** », que foi, segundo julgo, traduzido em português e que responde a todos os pontos que mencionais. Resumindo em poucas palavras, eu era há quarenta anos um agnóstico e pensava que com a morte tudo findava. Nessa altura li opiniões de homens como Sir William Crookes, o Químico, de Wallace, o Naturalista, de Thiers, o Presidente, de Victor Hugo e outros. Senti que devia examinar o assunto. Confirmei minuciosamente pelas minhas próprias experiências tudo o que elles diziam e soube que era verdade.

Eu não ligo importância aos fenómenos a não ser porque chamam a atenção para as comunicações. Não penso que as mensagens dos que amamos e perdemos sejam a finalidade do Espiritismo. A verdadeira revelação vem quando entramos em contacto com os espíritos elevados que nos explicam aquelas verdades religiosas que têm sido tão mutiladas e incompreendidas pelo género humano, só deturpadas e adulteradas pela insensatez do mundo, resolvendo as nossas dificuldades e explicando a mensagem real dos Cristos que, de tempos a tempos, fazem conhecer os desígnios de Deus a várias nações do mundo. E' a Religião universal do futuro que nos está sendo revelada. Esta Religião consistirá na pura moral de Cristo directamente aliada a uma constante e consciente comunicação com os altos poderes do mundo dos Espíritos.

Sinceramente seu

(a) ARTHUR CONAN DOYLE

Dear Sir :

It would take a book to answer your question properly. In fact I have written a book «**The New Revelation**» which has, I think, been translated into Portuguese, and which goes over the points you mention.

Putting it very shortly I was an agnostic and thought Death ended all. That was 40 years ago. Then I read the opinion of such men as Sir William Crookes the Chemist, Wallace the Naturalist, Thiers the President, Victor Hugo & others. I felt I must examine the matter. Smally by my own experiences I corroborated all that they said, and knew that it was true.

I do not regard phenomena as important save as drawing attention to the Messages. Neither do I think that the messages from those we love and lose are the end of the matter. The real revelation comes when we get in touch (?) with higher spirits who explain to us those religious truths which have been so mangled & misunderstood by mankind, clearing away all our difficulties and explainig the real message of the Christs who from time to time have carried God's purpose to various nations of the world, only to have it twisted and misrepresented by wordly folly.

It is the universal Religion of the future which is being revealed to us. That Religion will consist of the pure Ethics of Christ, joined with direct conscious & constant communication with the higher powers of the Spirit world.

Yours sincerely

(a) ARTHUR CONAN DOYLE

CRÓNICA ESTRANGEIRA

Um caso notável de identificação espírita — O sr. Walter Warne conta na «*Light*» uma extraordinária manifestação que o convenceu em absoluto da realidade da comunicação entre os desincarnados e incarnados.

Ele era um scéptico, detractor do Espiritismo, quando a perda dum filho muito querido, morto na Flandres, o levou à observação e ao estudo dos fenómenos espíritas.

Foi assim que numa sessão promovida pelo Bureau Stead no Memorial Hall, Portugal Street, em Londres, um médium para êle inteiramente desconhecido, o sr. Vango, lhe descreveu detalhadamente uma mulher rude que estava junto dêle e dizia chamar-se Isabel.

Tendo-lhe o médium perguntado se conhecia alguém que correspondesse aos sinais dados, o sr. Warne respondeu com a maior incredulidade que lhe era completamente estranha tal personagem, o que provocou um gesto de descontentamento do médium, acompanhando da frase : «Há pessoas que não querem ser convencidas».

Numa outra sessão, o bem conhecido clarividente, sr. Horácio Leaf, fez-lhe a descrição duma mulher com os mesmos sinais, designando-a igualmente pelo nome de Isabel.

Numa terceira sessão um outro médium, o sr. Cannock, volta a descrever-lhe a mesma Isabel, de baixa condição social e cujos sinais condiziam em absoluto com os indicados pelos outros médiuns.

Intrigado, o sr. Warne sorriu, respondendo, como até então, que não podia haver a mais pequena relação entre êle e essa mulher.

Concentrando-se um pouco o médium conseguiu saber que Isabel tinha vivido numa quinta em Hayes, Kent, conhecida pela Coney Hall Farm, que pertenceu aos sogros do sr. Warne. A aparição apresentava-se agora como uma mulher coxa, apoiando-se aos móveis para se equilibrar e dizendo que tinha vivido na referida quinta antes da família do sr. Warne a ir habitar. Este facto foi contestado em absoluto pelo sr. Warne que julgava lembrar-se muito bem de que a casa fôra entregue completamente vaga e estava desabitada.

Para completar a sua identidade a aparição mostrou ao médium a sua boca disforme, de dentes procidentes e muito feios. Esses pormenores fizeram perpassar na mente do sr. Warne uma vaga reminiscência duma criada com êsse aspecto que tinha estado ao serviço da família, o que êle se apressou a comunicar ao médium e aos assistentes.

Como que respondendo a essa observação, a mulher sugeriu ao médium a seguinte frase: «Bem deveis saber que as criadas teem alma como os outros!»

O sr. Warne soube, ao chegar a casa, pela mulher, que, com efeito, tinha havido em casa de seus pais uma cozinheira com o aspecto da aparição, de cujo nome próprio não se recordava. Uma cunhada, porém, informa-o de que realmente essa mulher se chamava Isabel e tinha sido ajustada para tomar conta da casa antes da chegada da família.

Prestar-se-ia a inúmeras considerações teóricas êste caso admirável de identificação espirita... A sua evidência impõe-se, porém, mesmo neste singelo relato.

Música transcendental — A revista «*Constância*» narra pormenorizadamente uma sessão interessantíssima durante a qual, contra tudo o que era de esperar, visto o médium ser ainda pouco desenvolvido, se ouviu uma música celestial acompanhando incorporações de espíritos que, pelos seus ensinamentos, se reconheceram muito elevados.

Durante hora e meia que durou a sessão, cujo relatório está assinado pelas catorze pessoas que a ela assistiram, ouviam-se ininterruptamente cânticos e hinos que deleitaram profundamente os assistentes, dando homogeneidade ao grupo e predispondo-o para as mais belas revelações transcendenciais.

Durante a sessão manifestou-se uma bailarina e cantora italiana que na sua língua, desconhecida pelo médium, cantou uma maviosa canção.

O médium, Maria Rey, havia pouco tempo que começara trabalhando, tendo, até então, produzido apenas incorporações dum espírito elevado, Teresa Católica, uma amiga do médium falecida havia cêrca de 15 anos, que se fizera seu guia.

Após esta notável sessão, o espírito guia indicou ao director que constituísse um grupo homogêneo para obter boas manifestações, aconselhando-o a que desistisse do seu propósito, aliás louvável, de fazer sessões de propaganda experimental com a assistência dos seus amigos incrédulos, indiferentemente escolhidos.

Esta recomendação vem confirmar plenamente uma das mais elementares regras a observar nos trabalhos práticos: a da mais completa afinidade possível entre todos os assistentes.

© Espiritismo na Alemanha — A «*Revue Spirite*» põe em relêvo a importância que os estudos psíquicos atingiram neste país, importância esta que se revelou claramente pelo grande número de trabalhos apresentados por professores alemães ao III Congresso Internacional de Investigações Psíquicas, realizado em Paris em fins de Setembro de 1927.

Alguns grandes médiuns teem despertado o interêsse das altas mentalidades alemãs que ao assunto dedicam a sua melhor atenção.

Entre êles figuram o clarividente Fastenrath, de Colónia, sôbre o qual foi apresentado um importante relatório ao referido Congresso, na discussão do qual se aventou, com a mais viva satisfação de todos os assistentes, a idéa da elaboração dum código ético internacional baseado na nova ciência; o pintor médium Heinrich Nusslein, cujas obras mediúnicas são do mais alto valor artístico e psicológico; os irmãos Schneider (Fred e Rud) que nas experiências do barão de Schrenk-Notzing têm produzido materializações e tôda a ordem de fenómenos metapsíquicos objectivos; Maria Rudloff, cujas possibilidades mediúnicas interessantíssimas se evidenciaram em numerosas sessões de que já existem mais de 200 relatórios, alguns dos quais firmados por ilustres professores de várias Universidades e cujos trabalhos revestem a modalidade de escrita directa e de desenho directo, principalmente de cabeças humanas e por vezes de cabeças de animais, executadas com uma espécie de pó branco, ou com uma substância com o aspecto de sangue, sôbre tela, papel, vidro, oleado, etc.; Maria Silbert, cuja mediunidade complexa e multiforme se assemelha à de Carlos Mirabelli e que, como êle, consegue desmaterializar-se e desaparecer, reaparecendo mais tarde num lugar distante, etc.

Conta o Dr. Rotcky que uma noite quando M. Silbert passeava em Ruckerlberg, desapareceu, deixando os amigos que a acompanhavam e a foram encontrar na cama, em sua casa, estupefactos e aterrorizados!

Em transe mediúnico explicou que tinha ido a Saint-Nikolai... acender as velas... no túmulo... Queria, ao que parece, referir-se ao lugar onde se achavam sepultados uns soldados franceses desconhecidos. Donde ela se encontrava a Saint-Nikolai distavam uns 12 quilómetros em linha recta e o tempo da sua ausência foi apenas de 24 minutos! Como seria possível um tal prodígio se êste facto se tivesse dado duma maneira normal, sendo o médium uma velha que gastaria mais de 2 horas no percurso?

Com o desejo de verificar o caso projectaram para o dia seguinte os amigos que a acompanhavam, uma excursão a Saint-Nikolai, onde o médium foi saudado à entrada da vila por um taberneiro que lhe disse: Eis-vos outra vez, senhora! Encontraram no campo, próximo dum lugar em que ela caiu inesperadamente em transe orando fervorosamente, um côto de vela recentemente consumida, com uns três centímetros apenas.

A «*Zeitschrift für psychische Forschung*» conta que numa sessão memorável

com este médium, um violino se agitou no ar tocando sem executante visível, árias muito melodiosas, algumas das quais desconhecidas, em uma ou mais cordas do instrumento.

Perante tão surpreendentes e variados quão numerosos fenómenos, quer de natureza subjectiva (mensagens, predições, identificações espíritas, etc.) absolutamente comprovados, seria para admirar que a sua realidade não triunfasse do scepticismo e da indiferença daqueles que tiveram a dita de os observar.

Um belo quadro — Segundo a «*Light*», na exposição aberta em Edinburgh a 21 de Abril na Royal Scottish Academy, apresentou-se um quadro admirável do sr. A. E. Borthwick, intitulado «Não há morte» e representando uma sessão espírita.

O quadro figura os membros da família da casa onde se faz a reunião, sentados em volta do médium, uma rapariga nova cuja expressão inspirada impressiona profundamente.

Segredando ao médium a sua comunicação, vê-se uma figura diáfana que representa uma filha falecida dos donos da casa. Ao lado vêem-se duas sombras, representando uma delas o espírito guia e outra um espírito atrasado de feições sinistras.

O assunto está artisticamente representado com a maior fidelidade.

Trata-se duma fraude? — E' este o título duma peça de Oscar Wilde, transmitida automaticamente do Além a um médium escrevente notável.

Servindo-se dos médiuns ingleses Mr. Travers Semith e dum engenheiro, cujo nome ignoramos, já este espírito tinha procurado demonstrar a sua sobrevivência com provas de tal maneira edificantes — o seu estilo próprio, o seu carácter, a sua caligrafia — que mereceram uma atenção especial de Bozzano e nos proporcionaram o prazer de ler os seus admiráveis comentários em magistras artigos publicados a este respeito na «*Revue Spirite*».

Extractamos da revista cubana «*Rosendo*» o seguinte telegrama da agência «*International News Service*»:

«Londres, 19 de Março — Uma das mais extraordinárias peças teatrais que se representarão no teatro Londrino, estreiar-se-há a 27 do corrente mês de Março no Teatro Novo desta capital. Intitula-se: «Trata-se duma fraude?»»

«Quem apresenta a obra, Miss Gertrudes Kingston, proclama aos quatro ventos que é uma obra psíquica, ditada há meses pelo espírito de Wilde.»

«Miss Kingston, que há 25 anos se interessa pelas manifestações metapsíquicas, conhecera Wilde desde muito novo. Tendo ouvido dizer que êle ditara uma obra teatral a um médium de Londres, imediatamente tratou de investigar o que havia de verdade na informação.»

«Ficou convencida de que o médium havia escrito a obra de modo automático, segundo declarou numa entrevista. Tendo feito várias perguntas ao médium para comprovar a autenticidade da comunicação, recebeu respostas justas escritas vertiginosamente pela mão do médium.»

«Quando lhe perguntou o título da peça, o lápis escreveu sem vacilar o título escolhido.»

«A obra está escrita no estilo próprio de Wilde, refere-se à época que êle conheceu, sendo portanto um pouco antiquada.»

«A referida peça teatral será posta em scena em benefício duma associação de caridade.»

Quanto seria para desejar que manifestações desta natureza se repetissem mais frequentemente para que o Espiritismo tivesse a divulgação que tanto lhe ambicionamos!

Estranhos homens de outros mundos — Com este título publica o «*Evening New*» um artigo muito interessante de que recortamos a seguinte passagem, referida a novas declarações sensacionais do Dr. Barnes, que há pouco tempo ainda, em plena abadia de Westminster, proclamou, ante a indignação do clero britânico, a lei da evolução morfológica, segundo as concepções de Lamark e Darwin:

O Dr. Barnes, bispo de Birmingham, sobressaltou uma vasta congregação na Abadia de Westminster com as suas declarações de que seres superiores a nós, em poder intelectual, existem em outros planetas.

São suas as seguintes palavras:

«Quem sabe se quando pudermos captar as radiações cósmicas com o auxílio de instrumentos adequados e de delicada precisão, nelas não acharemos ondas que nos tragam mensagens das profundezas do espaço, mensagens de seres para quem a nossa telefonia sem fios é uma vulgaridade dum quasi longínquo passado?!»

Duplo sonho verídico — O «*Jornal*» narra um caso ocorrido em Palhoca, dum sonho muito interessante que tiveram na mesma noite e à mesma hora, os srs. Jovino Seleiro e José Rosa de Freitas. Ambos sonharam que num lugar isolado viam enterrado um cesto cheio de moedas. Não pensariam mais nisso se êles se não tivessem encontrado no dia seguinte, em que,

muito provavelmente solicitados pela intervenção da entidade que lhes forneceu esse conhecimento supranormal durante o sono e que os levou a encontrarem-se, contaram um ao outro o seu sonho. Isso levou-os a combinarem uma tentativa de verificação deste singular acontecimento, e, com efeito, procedendo a demoradas escavações no lugar indicado, aí acharam uma espécie de cêsto com 104 moedas de prata e algumas de cobre.

Multiplicam-se os factos para nos demonstrar que a influência do mundo invisível se faz sentir poderosamente neste mundo de misérias e provações!

A mediunidade psicográfica através da máquina de escrever — A «Psychica» recorda as experiências de 1895 feitas na obscuridade na «Spiritualist Society of Carnegic», em Nova York, pelo médium Rogers e pelo médium Miss Bangs, que conseguiram obter numa máquina de escrever Yost, de que estavam separados por uma rede de arame, afastada cêrca de 3 a 4 pés da máquina, mensagens de desincarnados.

A vigilância das experiências estava confiada ao Dr. Newton, presidente da Sociedade, ao ex-senador C. Senith e à Dr.^a Monut que atestaram a realidade da manifestação.

Muitas vantagens haveria em repetir na actualidade tão interessantes experiências que seriam certamente férteis em resultados.

Sacco e Vanzetti inocentes — A revista «In Veltro e Luce» conta uma manifestação interessantíssima de Dreyfus que, por intermédio de Luigi Bellotti, o célebre médium italiano, automaticamente comunicou a seguinte mensagem:

«Sacco e Vanzetti estão inocentes. Salvai-os. Escrevei a Francisci para que telegrafe a Fuller aludindo ao meu escrito. O artigo da «Wossiche Zeitung» de 20, diz a verdade. O assassino está em Roma. A. Dreyfus».

O escrito a que a Entidade comunicante aludia era um bilhete obtido por *apport* poucos dias antes e que dizia: «Sacco e Vanzetti estão inocentes. A. Dreyfus».

No momento em que foi recebida a última comunicação já não havia tempo para proceder, se é que pelas autoridades americanas uma prova desta natureza fôsse tomada em consideração, o que muito duvidamos.

A não ser que posteriores esclarecimentos permitissem dar lugar à captura dos verdadeiros assassinos.

Congresso espírita de Pôrto Rico — Realiza-se nos próximos dias 14, 15, 16 e 17 de Julho a 25.^a Assembleia Nacional dos espíritas de Pôrto Rico.

O grande número de reuniões desta natureza havidas em Pôrto Rico, demonstra claramente a importância atingida pelo Espiritismo neste florescente país.

Um cento de profecias — A «International Psychic Gazette» narra as experiências que se estão realizando na Sociedade Francesa de Estudos Parapsíquicos, fundada há pouco tempo em Paris pelo Dr. Jaworski e pelo sr. Pascal Forthuny.

Na sua vasta sala e na presença de 250 a 300 pessoas, o sr. Forthuny, passeando entre elas, dirige-se a algumas para as quais é impellido, embora as não conheça, tendo feito inúmeras profecias que espera se realizem até ao dia 11 de Julho.

Deseja êle que a percentagem das que se confirmem atinja 35 por cento.

Nada nos admirará que essa diminuta percentagem seja muito excedida porque em 5 de Setembro de 1927 êle nos fez a previsão de dois acontecimentos inesperados de que lhe seria impossível ter conhecimento, a não ser pela sua admirável clarividência.

Não nos chegando pessoalmente, apenas cartas trocadas o guiaram, com estupefacção nossa, nos misteriosos arcanos do incognoscível, consultado a nosso respeito.

Pequenas notícias

O «Centro Auxiliador S. Sebastião» mudou a sua sede para a Avenida Mem de Sá, 137 — Rio de Janeiro.

— Comunica-nos a «Sociedade Benéfica Espírita», de Manzanilla, Cuba, que está construindo um asilo para órfãos que será sustentado com cotas e donativos, e para o qual já existem depositados no Banco Canadá 21.000 pêsos. Esta florescente Sociedade, que conta mais de 500 sócios, procura exemplificar mais o nobre preceito exaltado pelo Espiritismo: a Caridade.

— Faleceu o grande clarividente inglês Mr. Tom Tyrrell de Black-burn, que, além da clarividência, possuía outras mediunidades entre as quais a de telequinésia. Segundo conta Mr. Oaten, chegou a produzir levitações que quasi o igualaram ao grande Daniel Home.

— O professor Hans Driesch realizou uma conferência no posto emissor radiofónico de Francfort, subordinada ao ocultismo científico, seguida de uma réplica contraditória do professor Desiré de Berlim. O Dr. Paul Prinzhorn transmitiu no domingo seguinte uma conferência sobre o Subconsciente pelo mesmo posto.

REVISTA DAS REVISTAS

O PROFESSOR HANS DRIESCH

O recente Congresso de Investigações Psíquicas de Paris pôs em relêvo a grande figura do Professor Hans Driesch. Esta personalidade já era conhecida do mundo da filosofia e da metapsíquica, mas foi na ocasião dêste Congresso que as teorias do Professor Driesch foram expostas ao grande público francês. São elas extremamente interessantes para os leitores desta revista e para todos aqueles que procuram compreender a filosofia moderna na sua explicação geral do Cosmos.

Recordemos em primeiro lugar que o Professor Hans Driesch, titular da cadeira de filosofia na Universidade de Leipzig, é doutor em medicina, doutor em sciências, doutor em direito e Presidente da Sociedade Inglesa de Investigações Psíquicas. Pacifista militante, recusou-se na Alemanha a assinar durante a guerra o manifesto dos intelectuais.

A grande revista «*Zeitschrift für Parapsychologie*» consagrou muitos artigos a esta eminente personalidade, e, em especial, um em Outubro de 1927, para festejar o seu sexagésimo aniversário.

Os nossos leitores que seguem a «*Revue Metapsychique*» acharão, no número de Janeiro-Fevereiro de 1924, um artigo do Professor Driesch sôbre «*Os fenómenos metapsíquicos sob o ponto de vista biológico*» que esclarece já suficientemente a sua concepção filosófica.

O que torna importante, para nós, a opinião dum tal sábio, não é tanto a novidade e a originalidade das suas afirmações, já expressas por outros autores, mas a sua aceitação e o seu ensino do alto duma tribuna tão importante como a cadeira de filosofia da Universidade de Leipzig, e a sua apresentação categórica entre as teses sustentadas na Sorbonne no último Congresso de Investigações Psíquicas.

O Professor Driesch formulou as suas teorias em numerosos artigos e valiosas obras, entre as quais se contam: *Philosophie des organischen* em 1921 e *Grund problem des psychologie*, em 1926, e ao tomar posse da presidência da *Psychical Research Society*. A expressão exacta do seu modo de pensar está definida no discurso que pronunciou em Worcester na *Clark University* em Janeiro de 1927, durante a reunião dos conferencistas que dissertaram a favor e contra a metapsíquica. Este discurso foi reproduzido no livro «*The case for and against psychical belief*» editado pela Universidade Clark de Massachusetts. Os «*proceedings*» das sociedades de investigações psíquicas da Inglaterra e dos Estados Unidos, assim como a «*Zeitschrift für Parapsychologie*», teem publicado muitas vezes resumos dos seus trabalhos.

Uma das comunicações apresentadas ao último Congresso de Paris teve por título «*Da influência da metapsíquica sôbre o aspecto geral do Universo*»; a outra era subordinada a «*A metapsíquica e a Biologia*». Uma e outra foram a seqüência lógica das publicações supracitadas.

Não podemos infelizmente reproduzir integralmente estas teses que serão publicadas no relatório oficial do Congresso. Melhor talvez mesmo que se recorrêssemos à abundante literatura existente sôbre a obra de Driesch, algumas notas estenografadas mostrarão a importância das teses novas.

* * *

Este autor prossegue uma obra de certo modo comparável à do Dr. Geley, de que os nossos leitores estão certamente lembrados.

Também Geley, refutando a hipótese materialista em apoio da metapsíquica, combateu a teoria do paralelismo psico-físico. Será curioso ver como a mesma ideia se desenvolveu e alargou, passando dum cérebro ao outro.

Driesch afirma em primeiro lugar a *realidade dos factos metapsíquicos* e discute em seguida a importância que estes factos podem ter para o conhecimento humano e para a filosofia. «*Que repercussão terá sobre a nossa concepção intelectual do mundo esta nova aquisição da ciência que nós chamamos para ou metapsíquica?*» Duas sciências sofrerão uma profunda transformação: a biologia e a psicologia. Por consequência a nossa filosofia será profundamente modificada, porque cada sciência particular chega à conclusão de que a alma faz parte integrante da filosofia.

Antes de se aventurar mais uma filosofia tão diametralmente oposta às teses clássicas, Driesch como Geley e o Dr. Osty, pensa necessário refutar ainda a explicação materialista do mundo. Lógicamente as suas considerações sobre a metapsíquica e a biologia arruinam em primeiro lugar este dogma da antiga biologia: a «*ligação paralela*» dos fenómenos psicológicos. Ele insiste nas conclusões vitalistas a que o levaram os seus estudos biológicos.

Os seus discursos no Congresso permitiram-nos compreender uma das afirmações do Dr. Georges Bohn, na Sorbonne, quando exprimiu, no curso duma das suas conferências, todo o seu pesar por ver a sciência alemã orientar-se para o «*vitalismo*» ao encontro das teorias mecanicistas!

Driesch é precisamente um dos autores responsáveis por esta orientação recente. Nós seguiremos com interesse a evolução da sciência e da filosofia alemãs em volta dos princípios que o nosso autor defende, porque devemos esperar certamente algum dia que a sciência francesa retome por sua vez a discussão da filosofia neo-vitalista sobre os dados metapsíquicos aceites por Driesch e por tantos outros.

Eis um resumo das conclusões do Professor Driesch sobre este primeiro ponto:

Pode afirmar-se que os fenómenos orgânicos sejam duma natureza puramente físico-química? Que a vida não seja distinta do universo inanimado a não ser por grau mais elevado de complicações? Que os fenómenos conscienciais sejam epifenómenos associados mecânicamente ao funcionamento do cérebro? Segundo estas leis, a telepatia, a clarividência, a profecia, a telequinésia, as materializações, toda a metapsíquica, enfim, seria impossível. Contudo os factos são reais, provados, certos.

E ele afirma que a teoria mecânica (maquinal) do mundo é insustentável perante os resultados experimentais da Biologia e da Metapsíquica.

Disse ao Congresso de Paris:

«*O paralelismo dominou de 1860 até 1900. Fazia parte integrante da psicologia ortodoxa. Esta situação teórica era verdadeiramente estupefaciente, porque o paralelismo não é mais que um absurdo enorme, absolutamente insustentável. Hoje nada resta do paralelismo psico-mecânico. Apenas nos é permitido falar dum paralelismo psico-físico muito geral, afirmando que a nossa vida consciente é «paralela» da acção da nossa alma sub-consciente. Mas isto é inteiramente diferente de dizer que existe um paralelo entre a vida consciente e a acção duma máquina mecânica...*»

«*A independência da alma está, pois, salva: a alma e o corpo são duas entidades em relação causal, mas não idênticas...*»

«*Eis as portas abertas à metapsíquica. Construindo pontes sólidas e seguras que conduzem das partes da sciência que chamamos normal às partes ainda*

chamadas anormais ou paranormais, está abolido o maior obstáculo da parapsicologia: o *materialismo em todas as suas formas.*»

«Passemos pois pelas nossas pontes para êsse país novo.»

«O que são os fenómenos materiais da metapsíquica? Eles devem ser encarados como um vitalismo extenso, um supra-vitalismo. A biologia normal mostra-nos que a alma pode realizar (materializar) todas as formas possíveis, que ela se dirige sempre para as realizações da totalidade do sêr.»

«Mas a telequinésia e as materializações, mais não são do que esta tendência para a totalidade realizada sob condições extraordinárias. Recordemos que as funções psicológicas podem ser influenciadas pela imaginação. Não somente a fisiologia, mas também a morfogénese está sob a influência da imaginação do médium... Sem dúvida, nestes factos, nós não compreendemos tudo. Mas as portas estão abertas, as pontes construídas. *A alma é coisa muito diversa do corpo. A alma é a alma.*»

A biologia conhecerá em breve a supra-biologia: a existência objectiva das aparições dos sêres manifestada pela metapsíquica. Esta supra-biologia fará mesmo empalidecer a biologia vitalista.

«Em todos os casos, o nosso conhecimento da vida orgânica é extremamente enriquecido no lado físico da metapsicologia. *Agora, somente, nós aprendemos a conhecer que as últimas raízes da vida orgânica mergulham na alma.*»

«Em psicologia, as afirmações fornecidas pela metapsicologia tiram a sua génese do próprio conhecimento... Assim se alarga duma maneira prodigiosa, o domínio do que pode ser conhecido imediatamente.»

«O Dr. Osty fala profundamente da existência dum plano transcendente no homem. Aí temos nós, pelo menos num certo limite, um conhecimento imediato e completo de alma para alma...»

«O fenómeno fundamental, segundo esta teoria, é um conhecimento perfeito entre passivos espirituais...»

«O grande problema agora é saber porque tão poucas almas possuem êste conhecimento imediato de mónada a mónada...»

«O que deveria ser explicado, pela teoria do Dr. Osty, não é o metagnomo, mas porque não somos todos metagnomos.»

Driesch considera também o «meio» no qual se manifestam os fenómenos metapsíquicos.

Ouvindo o seu discurso, nós pensávamos nas páginas de Bozzano, nos «*Enigmas da Psicometria*» no grande artigo do Dr. Osty, nos «*Milagres da Vontade*» de Diocere. Definindo o conceito duma «super-pessoa» na qual se acham reunidas todas as pessoas no plano presente, conceito que deve ser alargado desde que se está em presença de revelações metagnomicas importantes sôbre um passado ou um futuro que nenhum vivo poderia conhecer, a super-pessoa torna-se então um «lugar de consciência» no qual é conservado tudo o que uma alma experimentou, experimenta ou experimentará. «O metagnomo colhe o seu saber nesta consciência supra-temporal e supra-pessoal... A mónada desvanece-se um pouco, perde até um certo grau a sua autonomia, torna-se uma parte da Unidade Superior, sob uma forma que nos escapa ainda. Depois da morte talvez persista nesta unidade, talvez seja apenas uma personalidade temporária...»

«A teoria da consciência colectiva comporta o conceito de immortalidade, se bem que se não trate duma immortalidade pessoal como no espiritismo propriamente dito. A questão de saber até que ponto os indivíduos depositários de consciência são imperecíveis está ainda pendente.»

«E' talvez mais prudente perfilhar a teoria do Dr. Osty que não exclui o espiritismo propriamente dito. Com efeito o Dr. Osty na sua obra «O conhecimento supra-normal» deixa esta questão insolúvel sem se mostrar precisamente favorável a ela. Sôbre êste ponto a minha opinião difere da do Dr. Osty e expus recente-

mente quais os aspectos das manifestações mediúnicas que me parecem mais bem explicados pela hipótese espírita, isto é, menos artificialmente do que por qualquer outra hipótese.

Driesch tinha dito na « *Zeitschrift für Parapsychologie* » de Agosto de 1927 : « A parapsicologia e o espiritismo são duas coisas diferentes. A parapsicologia é uma ciência que estuda empiricamente um certo domínio. O Espiritismo é uma hipótese particular emitida para explicar os factos e as experiências da parapsicologia. A relação entre uma e outra é exactamente a mesma que existe entre o estudo da biologia e a hipótese darwinista, por exemplo. Sem dúvida o espiritismo como toda a hipótese séria, deve partir de factos conhecidos. . . »

« Quais são pois os factos científicos, devidamente verificados, que sustentam a hipótese espírita ? São : 1.º a faculdade selectiva e ao mesmo tempo individualizante dos médiuns ; 2.º a limitação específica dos seus conhecimentos ; 3.º as correspondências cruzadas ; 4.º os book-tests ».

Muito logicamente o professor Driesch esforça-se por mostrar primeiro a realidade das comunicações entre os vivos e os mortos : « A acção espírita não consiste somente numa acção vinda da outra vida, não é forçadamente dos espíritos que provém a comunicação. Esta, pelo contrário, pode consistir numa leitura feita pelo médium na consciência do espírito, o que reduzirá a acção espírita a uma leitura de pensamento, mesmo quando êste não tenha lugar entre os vivos ».

O Professor Driesch conclui muito bem :

« Nós podemos desde já afirmar que a parapsicologia enriquece a psicologia e com ela a metapsíquica duma maneira extraordinária ; *que ela influencia igualmente* duma maneira excepcional e decisiva as mais altas especulações metafísicas ; o problema da morte e o da unidade de tudo o que é espírito, e isto, quer se atribua todo o conteúdo espiritual do mundo a uma consciência universal, quer se considere, com o Espiritismo, o mundo do espírito como uma sociedade de indivíduos indestrutíveis, unidos uns aos outros imediatamente ».

« Neste reino, num e noutro caso, é ao conceito da Unidade que nós chegamos. Isto leva-nos a perguntar *qual é a importância do saber metapsicológico para a acção moral ?* »

« A experiência moral conduz-nos ao conceito da Unidade do espírito. O facto de haver seres, homens, e alguns animais, que são capazes de experimentar sentimentos morais, não é compreensível senão se se tomar como indício da nossa participação numa unidade espiritual supra-pessoal que nos prescreve pela consciência como devemos agir segundo o seu plano. Aquele que acha a quietação, pensando que a sua consciência moral é o sinal da sua participação no espírito único que liga todas as almas será fortalecido na sua conduta moral, por esta consideração. . . ».

« Dora em diante estamos advertidos pela parapsicologia de que a suposição duma consciência universal não é uma pura hipótese. Que seja pelo espiritismo ou doutro modo, os fenómenos parapsicológicos põem-nos em presença do espírito único ».

« Sem distinção de raça, de nação ou de sexo, nós somos todos filhos dum único pai : O Espírito. Assim se afirma o preceito indú *Tat twam asi* (Tu és isto) e a verdade do 5.º mandamento « Não matarás » . . . A parapsicologia não é pois somente uma valorização do nosso saber, é também a via real que leva à fraternidade e à moralidade ».

« Dilacerado pelo dualismo, o mundo terrestre ficaria sempre imperfeito. Isto deriva da sua essência ; mas nós podemos, obedecendo ao sentimento moral implantado em nós e tornado agora compreensível, aliviar o mal no mundo e talvez mesmo reduzi-lo a um *minimum*. Podemos fazer do mundo « o melhor dos mundos possíveis » de que nos falou Leibnitz ».

« A nossa nova ciência ensina-nos, num sentido mais profundo que todas as

sciências precedentes, que devemos combater, não com a espada e a espingarda, mas com as armas do Espírito que o nosso sublime Pai nos deu; combater como servidores do grande Unico, esperando que Ele nos dará a força para O servir segundo a Sua vontade».

Esta conclusão do discurso no Congresso de Investigações Psíquicas de Paris, inesperada para certos auditores, foi coberta de aplausos.

* * *

Um longo artigo do Dr. Zeller, na «*Zeitschrift für Parapsychologie*» de Outubro de 1927, mostrou outros aspectos das conclusões do Professor Driesch: como êle se aparenta com Schopenhauer entre outros, não aceitando este mundo como uma coisa definitivamente boa e perfeita e procurando mais longe que o plano material as causas profundas do Mal. O Dr. Zeller recorda como Driesch e êle se interessaram pela astrologia e como um e outro perante a evidência e a multiplicidade dos factos afirmativos, concluem pela presença no universo dum «lugar de consciência transcendente».

Driesch retomou o raciocínio de Kant e fez dêle um sistema coerente, que, graças à metapsíquica, representa uma hipótese completa e clara.

* * *

Terminando, quero voltar à comparação que tentei estabelecer entre Geley e Driesch, que mais não seja para melhor fazer compreender um pelo outro. Ambos vizinhos um do outro, diferindo apenas nas conclusões metafísicas últimas, estão de acôrdo nos factos metapsíquicos que servem de base ao seu sistema, de acôrdo sôbre a moral e a filosofia deduzidas da observação dêstes factos. Um e outro acham no espiritismo, amplamente interpretado, a explicação necessária dos factos mais importantes da biologia e da metapsíquica. Driesch afirma que «*a hipótese espírita é legítima e lógica e que não comporta em si mesma nenhuma contradição*». (Clark University).

Parece sômente que a Divindade, que segundo Geley acha a sua consciência no exercício das suas faculdades criadoras, fica, segundo Driesch, mais completamente independente do mundo sensível. Este último parece admitir um certo dualismo na causa que, na terra, gera o êrro e o mal.

Naturalmente o Professor de filosofia Driesch achou-se já face a face com a questão do livre arbítrio e do determinismo. Os factos de premonição parecem-lhe formidáveis sob o ponto de vista filosófico! «*Aqui achamos um terreno em que a investigação psíquica goza em filosofia um papel inteiramente decisivo*». (Clark University).

Devemos lamentar que o Professor Driesch sôbre este ponto tão particularmente interessante, «*deixe ainda a questão aberta esperando que outros factos de premonição sejam conhecidos*», (Clark University).

O Dr. Osty, melhor informado talvez, já nos deu um começo de conclusões da discussão inevitável, a-final-de contas, dêstes factos «*terríveis*», para recordar as palavras do Professor Richet.

Devemos ser-lhe infinitamente reconhecidos.

* * *

De facto, o Professor Hans Driesch trilha, seguindo outros, um caminho de que a humanidade não adivinha ainda o grandioso alcance. Para o compreender é necessário receber simultaneamente tôda a obra de Geley e a de Osty.

Por estes curtos extractos os nossos leitores julgarão, em relação com as nossas

concepções espiritistas, da importância da filosofia do Professor Driesch. É a « hipótese espírita » apresentada e introduzida oficialmente na ciência, embora ainda com reticências nos termos e na forma. Seria preciso todavia estar cego para não ver os progressos prodigiosos que faz a nossa teoria nestas novas condições.

Que o Congresso de Investigações Psíquicas não tivesse trazido aos espíritas, para recompensar o seu esforço constante, mais do que esta brilhante demonstração e já ficaríamos bem apoiados.

Mas a acção do Professor Driesch e as discussões que se hão de seguir à sua exposição, não deixarão de influenciar favoravelmente, segundo julgamos, a orientação geral da metapsíquica no mundo inteiro.

« Ou não haverá Espiritismo ou terá de ser científico ».

Não avançamos lenta mas seguramente neste sentido?

Temos a satisfação de ter podido fazer conhecer um pouco aos nossos leitores o Professor Driesch, o corajoso protagonista da « hipótese menos artificial para explicar os factos metapsíquicos ». Saibamos agradecer-lhe a liberdade de espírita e a lógica elegante e enérgica com que defende o nosso ideal.

A. RIPERT

Da « *Revue Spirite* » — Paris

REFLEXÕES

Como podíamos nós conceber Deus se Deus não existisse? Seria exceder toda a possibilidade: o relativo gerar o absoluto, o limitado produzir o infinito, o imperfeito criar a perfeição!...

Como podia haver aspiração sem o pressentimento de alguma coisa a realizar? O pressentimento implica o conhecimento virtual e íntimo que por isso mesmo é vago e profundo, duma realidade futuramente sensível. E como possuir esse conhecimento transcendente de possibilidades se Deus não existisse projectado em nós pelo seu acto de criar?

O homem não pode fazer uma idéa definida de Deus, sem lhe fazer perder o seu carácter, humanizando-o é por isso que as concepções de Deus enfermam sempre de ser humanas. Definir uma idéa e é limitá-la encarcerando-a numa forma, e só podemos definir o que em nós se contém e dentro dos limites da nossa própria consciência. Assim, só podemos conceber Deus relativamente ao grau de desenvolvimento do gérmen divino que existe em nós. Se Deus não existisse em si, existiria, pelo menos, naquêle que o concebesse.

Sendo Deus — absoluto — e portanto sempre igual a si mesmo, como há-de deixar de ser justo se não pode criar seres em circunstâncias diversas e porisso diferentes? Admitir que os seres foram criados diferentes, não chega a ser blasfêmia porque é a expressão máxima do absurdo.

Como explicar então as desigualdades actuais, senão como a resultantante lógica e justa duma diferenciação individual? E como poderiam diferenciar-se os indivíduos se não houvesse evolução e portanto alguma coisa que evoluísse através duma vida contínua de que só apreciamos alguns períodos separados que nos dão idéa de discontinuidade? A discontinuidade existe apenas na limitação do nosso conhecimento.

Viver é desfilar no espaço na cavalgada do tempo, realizando mais e sempre o sonho de perfeição: o espaço é infinito e o tempo eterno... Os seres são como rios que nascem no mesmo cume e correm para o mesmo mar.

Se Deus é a nascente da vida, como pode amaldiçoá-la, condenando os réprobos a penas eternas? Seria a perpetuação do crime! Um sér finito não pode praticar um pecado infinito, e, se tal pecado existisse, só a Deus podia pertencer! Como pode éle amar diferentemente os seus filhos se é sempre igual a si mesmo?

Eis o princípio de igualdade que surge radiante de beleza; eis o laço de fraternidade que liga todos os seres no mesmo abraço infinito!

De « *Ecos do Além* » — Lagôa

ANTÓNIO L. VILELA

BIBLIOGRAFIA

Les Enigmes de la Psychométrie et Les Phénomènes de Télésthésia, por E. Bozzano, 1 volume de 200 pág. Edições Jean Meyer, Paris: 9 francos.

Com uma fé de apóstolo e uma surpreendente superioridade de conceitos, o magistral escritor e denodado campeão do Espiritismo, sr. Ernesto Bozzano, prossegue infatigavelmente na sua árdua tarefa de procurar impôr triunfalmente, com uma lógica admirável, a teoria espírita, através de todas as explicações naturalistas dos fenómenos metapsíquicos.

O grande mestre estuda e aplica, criteriosamente, a cada um dos numerosos casos que apresenta neste livro — vinte e seis de psicometria e vinte e três de telestésia, respigados entre milhares, recolhidos cuidadosa e pacientemente durante mais de trinta anos, como os mais bem fundamentados e mais impressionantes — todas as hipóteses conhecidas susceptíveis de se applicarem à explicação completa do caso, nunca perdendo a oportunidade para demonstrar a inanidade de muitas e a superioridade da teoria espírita.

Passando em revista as hipóteses de visão a distância, de exteriorização do corpo fluídico, da leitura no Astral, da memória das coisas (que é pròpriamente a teoria psicométrica), da comunicação telepático-subconsciente, êle sustenta admiravelmente a comunicação intermental entre os vivos, extensiva à entidade memorial dos desincarnados, reconhecendo muito embora, em conformidade com as mais modernas teorias, uma grande amplitude de conhecimentos à subconsciência dos vivos.

O grande número de factos todos igualmente interessantes e as valiosas considerações que os acompanham, definem o valor do livro e atestam a alta mentalidade dêste eminentíssimo metapsiquista a quem o espiritismo muito deve.

○ **Diabo**, à luz da História, das Escrituras e da Razão, por Zanelli Caldas, publicação do Instituto Kardecista da Baía.

Zanelli Caldas, um moço cheio de talento que já hoje ocupa um lugar de destaque na imprensa espírita brasileira, mercê do seu indiscutível merecimento, acaba de publicar um pequeno opusculo em que estuda a figura legendária do Diabo.

Encarando a questão racionalmente, deduz excelentes comentários que destroem por completo o mito satânico, esboçando a largos traços as sublimes concepções do Espiritismo sôbre a Infinita justiça e bondade de Deus.

O « Instituto Kardecista da Baía », uma das mais importantes agremiações espíritas do Brasil, reconhecendo o alto valor do trabalho de Zanelli Caldas, editou-o há pouco como publicação de propaganda, que bem merece ser divulgada para desfazer a alegórica figura de Satanaz, incompatível com a Suprema Justiça de Deus e portanto com a sua existência.

Quantos pobres espíritos contumazes no êrro, criam ideoplásticamente o inferno como lho pintaram, e ao transporem os umbrais da eternidade se julgam perdidos para sempre, nos mais torturantes e inconcebíveis tormentos, sem que os possamos facilmente convencer de que o sofrimento é proporcional à infracção das leis divinas e termina quando a reparação, através de novas existências, os tenha ilibado da culpa!

Só temos pois de louvar a obra de Zanelli Caldas que vem iluminar uma das questões mais obscurecidas pela superstição religiosa!

Incitando-o a prosseguir no caminho encetado, pondo ao serviço do Ideal o seu brilhante talento, cumprimos um grato dever.

A Salvação para todos, por Emile Catezflis, edição do « Centro Fraternidades Espirituais » do Pôrto: 3 escudos.

Prefaciado admiravelmente pelo nosso illustre Confrade, Dr. José de Barros e Sousa, meretíssimo juiz da Relação do Pôrto, êste trabalho impõe-se pelo valor dos seus argumentos em favor da reencarnação, inteiramente fundamentados nos textos bíblicos e deduzidos com a maior clareza e independência, visto o autor se declarar católico, e adverso ao espiritismo.

E' pois um excelente livro de propaganda duma das leis básicas do Espiritismo que poderá circular em meios que estão vedados aos livros nitidamente espíritas.

O « Centro Fraternidades Espirituais » vem prestar um revelantíssimo serviço à propaganda das verdadeiras leis da vida, tornando-se por isso crédor do nosso profundo reconhecimento.

Les nouveaux animaux pensantes, por M.^{me} Carita Borderieux, prefácio de Edmond Duchatel — Edição de Psyquica.

M.^{me} Carita Borderieux acaba de publicar um pequeno livro, a síntese das admiráveis aquisições que em matéria de psicologia animal podem ter-se por definitivamente estabelecidas no momento actual.

Evocando os factos que determinaram o estudo das possibilidades intellectuais de

certos animais, põe em relêvo as faculdades admiráveis observadas nos cavalos de Elberfeld e em cães célebres que chegaram a poder exprimir raciocínios e que demonstraram as suas aptidões psíquicas para cálculos complicados em que muitos seres humanos falhariam por completo.

A história de Zou, um cão educado por M.^{me} Borderieux, é pormenorizadamente narrada e fornece aos que se interessam pelos animais domésticos esclarecimentos que lhes permitirão educá-los, explorando o filão quasi desprezado da inteligência animal.

Os processos empregados apenas requerem um pouco de paciência que é largamente compensada pelos resultados brilhantes que se podem obter.

A leitura dêste pequeno livro faz-se dum fôlego, tal é o interesse que despertam os numerosos factos, perfeitamente comprovados, nele contidos.

Glossário espirita e metapsíquico, por Quintin Lopez Gomez. Edição da «Lumen» — Tarrasa — Barcelona.

Não podemos deixar de felicitar vivamente o seu ilustre autor, pela publicação de tão útil e bem elaborado Glossário, que contém, além duma colecção muito completa de expressões e vocábulos usados em Espiritismo e Metapsíquica, muitos outros de Ocultismo e Psicologia experimental e alguns termos técnicos de sciência relacionados com a psicologia.

O autor não se limitou a dar uma definição de vocábulos; acompanha-a de citações dos mais categorizados mestres nos vários ramos das sciências a que dizem respeito.

Este Glossário demonstra claramente a vasta cultura e erudição do sr. D. Quintin Lopez Gomez e bastaria para consagrar o seu autor se a sua reputação já não estivesse de há muito, como está, absolutamente firmada.

Nosce te ipsum, por Eduardo Niño — Madrid.

Esta obra de filosofia espiritualista teve por base os trabalhos experimentais de Espiritismo realizados na extinta associação psicológica de Madrid, Luís-Diodoro.

Compiladas por D. Eduardo Niño, segundo um plano digno dos maiores elogios, as co-

municações que ornam esta excelente obra, profundas de conceitos filosóficos e doutrinários, acham-se classificadas de modo que cada um dos seus 8 tomos, subordinados aos títulos: Espiritismo, Causalidade, Vitalidade, Microcosmos (2 tomos), Magnetismo, Sentimento religioso e Etica, contém sôbre cada um dêstes assuntos admiráveis profissões de princípios, enunciados pelo seu autor, fundamentados em revelações transcendentais obtidas no referido grupo espirita.

Livro encantador para todos os que se preocupam com o porquê da vida, merece ser profusamente divulgado, e as teorias nele expostas deveriam ser ponderadamente meditadas, pois representam o que de mais belo pode existir em filosofia espiritualista.

Vida Perfeita, do Dr. Paul Carton (tradução de Fernando Sá).

Paul Carton é o venerando e proficiente chefe do movimento vegetariano e naturista francês. As suas obras são clássicas e estão traduzidas em todos os países civilizados.

Médico distinto, o Dr. Paul Carton faz, simultaneamente, numa grande parte das suas obras, a hygiene do corpo e a hygiene da alma pelos mais puros e cristãos princípios morais, num estilo elegante, claro, persuasivo, que tanto nos fala ao coração como ao cérebro.

A «Vida Perfeita» é um admirável catecismo de conduta moral, que deve ser lido e meditado por todos aqueles que desejem acelerar a sua evolução espiritual, inspirado numa ética de grande alcance individual e social.

A tradução é primorosa, e digno de toda a homenagem o seu fiel tradutor, que tem sido entre nós o maior vulgarizador do Dr. Carton, não se tendo poupado a esforços e sacrificios para vulgarizar as obras do Mestre, no fim nobilíssimo de trabalhar pela regeneração da nossa desvairada sociedade.

Recomendamos esta obra duma maneira geral e, em especial, a todos os espiritas.

A edição, elegante e cuidada, é do *Centro Fraternalista*, de Alcobaça, de que é digno Director o nosso prezado Confrade sr. Fernando de Sá, a quem agradecemos a gentileza da oferta.

P. C.

NOTICIÁRIO

PORTUGAL

Comissões Federativas de Propaganda Espírita — Sendo da máxima conveniência, para a organização do movimento espírita português, a constituição destas Comissões, não só para orientação e intensificação da propaganda espírita, mas ainda para estabelecer fortes núcleos de confraternização espírita, mais uma vez recomendamos a todos os nossos Confrades que empreguem os seus bons esforços no sentido da sua realização para os concelhos onde, até agora, não tenham sido eleitas.

Seja qual fôr o valor intrínseco dum ideal, a vitória só pode advir, como resultante natural, duma união metódica e disciplinada dos seus adeptos, como é evidente.

Barreiro — Presidente, 1.º Tenente da Armada, Crispim Alfredo Alves; Vice-Presidente, António Xavier Gorina; Secretário, Joaquim M. Quintela Paixão; Vogais: Tenente António Augusto Roque, João Ferreira, Pedro Lopes dos Santos, José Vicente Júnior, Alexandre Ferreira Lobato, Manuel António Garcia.

Matosinhos — Presidente, Francisco Silva; Vice-Presidente, Carlos dos Santos Anunciação; Secretário, D. Izolina Silva.

Revista de Espiritismo — Agradecendo as provas expressivas de aplauso e incitamento à orientação seguida por esta revista, transcrevemos gratamente algumas das referências feitas pela imprensa espírita portuguesa:

De «*O Futuro*» — Lisboa:

*Completo*u o primeiro ano de existência o órgão da Federação Espírita Portuguesa.

Redigida por individualidades das mais intelectuais do nosso meio espírita, designadamente pelos srs. drs. António Freire e Lobo Vilela, a Revista de Espiritismo tem-se imposto sob todos os pontos de vista, e só por falsa modéstia não se diria que é uma das melhores publicações do género que vêem a luz em todo o mundo. Poucas são as que se lhe podem comparar e ainda menos as que consideramos superiores.

Não é pois uma amabilidade, mas um dever, prestarmos as nossas rendidas homenagens aos confrades que, sob o péso de todos os sacrificios, estão à frente do grupo redactorial.

Que conte muitos e muitos anos, para honra do Espiritismo!

Do «*Ecos do Além*» — Lagoa (Algarve):

A Revista de Espiritismo, órgão da Federação Espírita Portuguesa, continua a marcar brilhantemente no meio espírita português e, sem dúvida, no nosso meio intelectual.

A Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa, para liquidação das despesas de instalação, tem tido, por intermédio da Revista de Espiritismo, alguns subscriptores que revelam o seu muito interesse pela causa espírita em Portugal, pois muitos contribuíram com algumas centenas de escudos. Mais uma vez apelamos para os nossos prezados leitores para que, por intermédio do Ecos do Além, se subscribam também com o que puderem.

Do «*Sol do Porvir*» — Leiria:

Completou o primeiro ano da sua publicação a magnífica Revista de Espiritismo, órgão da Federação Espírita Portuguesa, que à sua frente tem altas intellectualidades, como: os drs. Martins Velho, António J. Freire, António L. Vilela, D. Amélia Cardia, D. Maria O'Neill, dr. João Antunes, e tantos outros, que no mundo científico se tem evidenciado pelo desassombro de suas crenças.

Apresentando-lhe os nossos cumprimentos muito sinceros e o nosso cartão de parabens, fazemos votos para que continue a sua nobre missão, tão altruista e moralizadora.

Major João Eduardo Franco A. Centeno — Constituiu uma verdadeira manifestação de pesar o funeral d'este nosso dedicado Confrade, vulto prestigioso do Exército Português e da direcção do Montepio Oficial.

A Federação Espírita Portuguesa viu partir saudosamente para o Além um dos seus sócios mais devotados a quem o Espiritismo já devia relevantes serviços.

A' beira da sepultura falaram os srs. Comandante Branco em nome do sr. General José Vitorino de Sousa e Albuquerque e no da direcção do Montepio Oficial; Carlos Simões Tórres em nome do Partido Republicano Português; Capitão José António Lamelas, e A. A. de Freitas e Silva em nome da Federação Espírita Portuguesa.

Federação Espírita Portuguesa — Sob esta epígrafe, transcrevemos gratamente do importante diário brasileiro — «*Gazeta de Notícias*» — do Rio de Janeiro:

«*Reuniu-se, mais uma vez, em uma das salas da Federação Espírita Brasileira,*

a Comissão Delegada da Federação Espírita Portuguesa que, no seu intuito de intensificar, quanto possível, a propagação da grande Doutrina e de promover o mais forte intercâmbio de relações espirito-fraternas entre todos quantos se exprimem no formoso idioma de Camões, tem trabalhado para realizar esse ideal fraternista, propondo sócios para a Federação Espírita Portuguesa, que pagarão a cota mínima de 2\$000 mensais, com direito a receber gratuitamente as publicações editadas pela Federação, inclusivé, a Revista de Espiritismo — seu órgão oficial — e que é uma das melhores e mais importantes publicações espíritas do mundo, onde colaboram os melhores escritores portugueses e brasileiros.

Esta revista é bimestral, de 40 páginas e ilustrada. Estuda os problemas máximos da existência, destino e finalidade humana num sentido positivo e experimental, relatando o movimento espírita mundial, que tanto está preocupando o pensamento científico contemporâneo, pelo seu vasto alcance filosófico, moral e social, numa nova concepção do verdadeiro sentido da vida.

E' Depositário Geral para o Brasil o sr. Sousa do Prado, à rua General Roca, n.º 21, para onde deverão ser dirigidos todos os pedidos de assinatura, que importa em 10\$000 anuais para os não associados.

Encontram-se à venda avulsa os quatro primeiros números na Livraria da Federação Espírita Brasileira, na redacção da «Aurora» e no jornal «Pátria Portuguesa».

Assinar e recomendar esta Revista é um meio de fecundo conhecimento e activa propaganda neo-espiritualista.

Recomendamos, pois, a citada comissão ao apoio de todos os espíritas e felicitamos os confrades luzos pelo grande e heróico esforço já expendido em prol da grande Causa espírita — que é a Causa da humanidade.»

União Espírita Algarvia — Esta prestigiosa instituição espírita portuguesa vai entrar em franca actividade, ficando definitivamente seu órgão oficial o «Ecos do Além», actual decano das revistas espíritas portuguesas, dirigido pelo nosso dedicado Confrade José Francisco Cabrita, que à causa do Espiritismo tem consagrado todo o seu valioso e fecundo esforço de velho e intemerato propagandista.

Tudo leva a crer que a realização do 4.º Congresso Espírita Algarvio se realizará logo que as condições o permitam, contando com o valioso concurso da Federação Espírita Portuguesa, que envidará todos os esforços para o brilhantismo dêste Congresso regional.

Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas — Esta prestimosa sociedade fez publicar e distribuir gratuitamente cinco mil exemplares da Pastoral «Aos Católicos», do Bispo católico sr. D. Francisco Fidério, da diocese de Juiz de Fora (Estado de Minas Gerais — Brasil), publicada no n.º 1 desta revista do ano corrente.

Esta Pastoral deveria ser lida e meditada por todos os católicos que não perdem oportunidade de denegrir o alto significado moral e social do Espiritismo, um dos mais formidáveis baluartes que se tem levantado contra o materialismo reinante.

Episódio interessante e sugestivo: — um pároco do Pôrto prendeu abusivamente um pequeno que andava distribuindo estes folhetos, conduzindo-o a uma esquadra de polícia, onde acto imediato foi posto em liberdade o pequeno distribuidor e censurada a arbitrariedade do eclesiástico.

«O Mensageiro Espírita» — Assim se intitula um jornal bimestral, editado pela Federação Espírita Portuguesa, de distribuição gratuita, para os sócios desta Federação, iniciando a sua publicação no próximo mês de Agosto.

Este jornal, de propaganda e vulgarização espírita, alternará com a publicação desta revista.

A sua direcção foi confiada à nossa ilustre e dedicada Confrade, senhora D.^{ra} Amélia Cardia, a quem o espiritismo deve os mais devotados e imarcessíveis serviços numa continuidade já longa e fecunda.

Centro Espírita Luz, de Coimbra — Entrou, felizmente, em franca actividade, o movimento espírita coimbricense.

Os nossos dedicados confrades da Lusa Atenas, reunidos em Assembleia Geral, resolveram por unanimidade elevarem a Centro o antigo Grupo Espírita Luz, tendo conseguido não só a adesão de elementos importantes daquela cidade, ultimamente filiados no Espiritismo, mas também instalação apropriada para os seus trabalhos, que agora vão tomar uma acção forte e decisiva de confraternização e propaganda intensiva.

Também foi resolvido que este Centro se federasse na Federação Espírita Portuguesa.

Foram eleitos os seguintes Corpos Gerentes:

Assembleia Geral — Presidente, Joaquim Bento Ladeira; Primeiro Secretário, José Maria Simões Veiga; Segundo Secretário, João Contente Pinto.

Direcção — Presidente, Tenente Tadeu Henrique Pinto; Secretário, Guilherme Samuel; Tesoureiro, Alfredo Lopes Xisto; Vogais: Aurélio António Ferreira e Daniel de Campos Contente.

Os novos Estatutos do Centro Espírita Lzu, duma redacção precisa e cuidada, foram aprovados sem dificuldade no Govêrno Civil de Coimbra.

Na mesma Assembleia Geral foi também eleita por unanimidade a Comissão Federativa de Propaganda Espirita, de que ficou presidente o nosso dedicado Confrade António Gonçalves Granadeiro, a quem o Espiritismo deve importantes serviços, dignos de todo o relêvo.

Movimento Espirita de Mossâmedes — E' digno de especial registo o desenvolvimento que o Espiritismo vai tomando nas Colónias Portuguesas nos últimos anos, de que é exemplo frisante a acção intensiva que se reflecte em Mossâmedes, onde a propaganda está tomando proporções dignas de todo o apreço pela sua lúcida orientação e intensa actividade, dirigidas por dedicados Confrades, a quem esta Federação deve já uma prometedora confraternização.

Os nossos dedicados Confrades de Mossâmedes, reunidos em Assembleia Geral em casa do sr. Raúl de Figueiredo, que ao serviço da propaganda espirita tem consagrado o melhor do seu valioso esforço, tomaram por unanimidade as seguintes resoluções:

1.^a — Elegerem a *Comissão Federativa de Propaganda Espirita*, que ficou assim constituída: — Presidente, António Menandro Guerra; Vice-Presidente, Raúl de Figueiredo; Secretário, Abel Raimundo Correia Mendes Vidigal; Tesoureiro, Alfredo de Magalhães Falcão;

2.^a — Conseguir o maior número de sócios para a Federação Espirita Portuguesa;

3.^a — Fazer a maior propaganda possível das doutrinas espiritas, quer por meio da imprensa, quer por meio de conferências;

4.^a — Promover sessões experimentais para reconhecimento de médiuns e educação dos mesmos;

5.^a — Trabalhar para que dentro de um ano se constitua o **Centro Espirita de Mossâmedes**;

6.^a — Que esta Comissão tenha as suas sessões ordinárias aos domingos;

7.^a — Inscreverem-se desde já os membros desta Comissão como sócios da Federação Espirita Portuguesa;

8.^a — Que à Federação Espirita Portuguesa se envie cópia desta acta, a fim de proceder ao registo da Comissão Federativa de Mossâmedes.

O nobre e levantado procedimento dos nossos dedicados Confrades de Mossâmedes, contrastando com a desvaída época de egoísmo e de comodismo que alastra pela nossa sociedade, é digno de todo o reconhecimento da Federação Espirita Portuguesa e é um exemplo de confraternização que oxalá frutifique no meio espirita português.

A Federação Espirita Portuguesa não se poupará a sacrificios para coadjuvar a digna Comissão Federativa de Mossâmedes na propaganda e vulgarização do nosso Ideal de regeneração social.

Centro Espirita Mourense — Acaba de ser fundado este importante centro espirita, devido, muito especialmente, ao esforço persistente e activo do nosso dedicado Confrade Joaquim Segurado Faria, que à Federação Espirita Portuguesa tem prestado relevantes serviços.

Este Centro tem por fim estudar os problemas do Espiritismo, sob os seus aspectos: científico, experimental, filosófico, social e moral, e, ainda, unir associativa e fraternalmente todos os espiritas desta importante vila alentejana.

Os Corpos Gerentes eleitos por Assembleia Geral ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — Presidente, Francisco Joaquim Nunes; Secretário, Bento de Assunção Figueira; Vogais: Alvaro Mendes Fialho e André Maria Fernandes.

Junta Consultiva — Luis Esperança Baião, Miguel do Carmo e José Miguel Pereira Cortês.

Direcção — Presidente, Joaquim Teotónio Segurado Faria; Secretário, António Francisco de Oliveira Galamba; Tesoureiro, D. Francisca de Assis Correia Pinto Faria; Vogais: Joaquim Rodrigues Izidro, José António Fernandes Júnior e Vitor Augusto Duarte Garradas.

Grupo Espirita de S. Brás de Alportel

— Está definitivamente constituído este valioso e activo núcleo espirita, de que fazem parte integrante velhos e dedicados Confrades, que à causa espirita tem prestado manifestos serviços.

Os Corpos Gerentes ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — Presidente, Gabriel Mora; Vice-Presidente, Manuel Martins dos Santos; Secretário, José Urbano Alves.

Direcção — Presidente, Dr. António da Ponte; Vice-Presidente, Anastácio Carapeto; Secretário, Manuel Pires Rico; Tesoureiro, Francisco de Brito Júnior.

Conferências Neo-Espiritualistas

Na Sala do Algarve, da Sociedade de Geografia de Lisboa, perante uma assistência selecta, que a enchia por completo, realizou o sr. Dr. Carlos Santos, filho, médico distinto nesta capital, uma série de três brilhantes conferências subordinadas aos títulos: «*Rodolfo Steiner e a Antroposofia*», «*Uma nova forma de arte: a Euritmia e a extensão da obra de Steiner*», e «*O próximo Congresso de Londres*», que encantaram o seu auditório pela clareza, erudição e beleza com que a obra d'este eminente e profundo filósofo austriaco foi descrita nas suas principais directrizes.

E'-nos grato verificar como vão achando eco no grande público as concepções neo-espiritualistas da vida, todas elas baseadas na *grande lei da evolução espiritual* através da imortalidade e baseada nas leis subsidiárias da *reincarnação e da causalidade*

(Karma), tendo como vértice a Perfeição Absoluta — DEUS. ✱✱✱

As teorias de Steiner tem inúmeros pontos de contacto com o Espiritismo. Todas estas leis são comuns aos dois sistemas neo-espiritualistas.

O sr. Dr. Carlos Santos soube vencer, eloquente e eruditamente, a espinhosa tarefa que se propôs, rompendo galhardamente com inveterados e anacrónicos preconceitos sociais, tornando compreensível da selecta assistência, na qual figurava grande número

de médicos, as teorias desse notável filósofo neo-espiritualista, expondo as suas concepções, particularmente interessantes pelo seu vasto alcance social.

Regosijando-nos pelo brilhante êxito alcançado, fazemos votos para que o sr. Dr. Carlos Santos continue nesta gloriosa jornada de propaganda tão necessária para levantar o nível espiritual da nossa sociedade pervertida pelo mais nefasto ateísmo e negativismo, onde se radica o feroz egoísmo contemporâneo.

Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa

(Para despesas de instalação)

Centro Espirita de Leiria — 300\$00. A. V. R., Lisboa — 200\$00. Comissão Federativa, Portel — 152\$00. José Pereira Serra, Lisboa — 60\$00. V. R., Lisboa — 50\$00. Manuel Brito Betencourt, Lisboa — 30\$00. António Lobo Vilela, Lisboa — 20\$00. Ivêncio dos Santos, Vila Viçosa — 20\$00. Armando Leão, Chaves — 10\$00. Joaquim Espada Calapez, Vila Viçosa — 10\$00. Capitão Eurico Zuzarte, Borba — 5\$00 e A. C., Leiria — 5\$00.

Caixa de Propaganda

(Subscrição Permanente)

L. B., Lisboa — 10\$00. Angelo Coelho, Portalegre — 5\$00. D. Maria da Conceição Antunes, Lisboa — 12\$50. C. G., Lisboa — 100\$00. D. E., Lisboa — 15\$00. João Baptista, Sardoal — 5\$00. José de Barros Gomes, Carcavelos — 20\$00. A. G., \$30. C. F. G., Lisboa — 100\$00. José Nunes Fernandes Casevel, Santarém — 5\$00. Tenente Joaquim Vieira de Figueiredo — 171\$00. D. Maria Carlota de Azevedo, Sintra — 5\$00. Raúl J. de Pinho, Pôrto — 15\$00. Oriente, Lisboa — 10\$00. José da Luz Ruas — 15\$00. José Maria Marques, Beira — 40\$00. António Pereira, Vila Nova de Cerveira — 50\$00. Teófilo Graça de Oliveira, Beja — 20\$00. D. Ana Mário da Costa, Lisboa — 5\$00. Lino de Oliveira, Lisboa — 4\$00. Agnelo A. Henriques, Cabo Verde — 12\$00. José Duarte Gomes, Lisboa — 1\$00. Fonseca Moreira, Rio de Janeiro, 10\$00. Palmira Amorim Armas, Açores — 19\$50. Oriente, Lisboa — 5\$00. Alfredo Nunes, Lisboa — 10\$00. D. Rita Sousa Pádua, Lisboa — 15\$00. José Ferreira Saraiva, Bagé, Brasil — 75\$00. Anónimo — \$50. Manuel Francisco, New Berford — 10\$00. Manuel C. Pacheco, José Francisco Fialho, Manuel V. Simão, Francisco Machado, Eugénio Fernandes e Joaquim Miranda, New Berford — 7\$25 cada. Anónimo, Lisboa — 10\$27. João da Cruz Sobral, ? — 10\$00. Lino de Oliveira, Lisboa — 2\$00. Grupo Espiritual «Fé, Esperança e Caridade», Lisboa — 10\$00. José Antunes, Fundão — 15\$00. Alfredo Augusto Cardoso, Lousada — 5\$00. António Rodrigues Pereira, Reguengos de Monsarás — 20\$00. Rafael Fernandes O. Gomes, Ribeirão, Val de Vouga — 100\$00. Tenente Joaquim Vieira Figueiredo, Almeirim — 45\$50. Jaime Alexandre, Santarém — 5\$00. Oriente, Lisboa — 5\$00. M. B., Evora — 20\$00. António Joaquim Magalhães, Vila Nova de Cerveira — 7\$00. Uma Espirita Convicta, Angra do Heroísmo — 10\$00. Comandante José Freire Grainha, Lisboa — 100\$00. António Gonçalves Granadeiro, Coimbra — 5\$00. João da Rocha Brandão, Vila Nova de Gaia — 5\$00. Adriano António Coelho, Portel — 5\$00. António Francisco Barão, Portel — 1\$00. Alfredo Monteiro de Castro, Angra do Heroísmo — 20\$00. Albano de Andrade, Lisboa — 5\$00. Anónimo, Alcanena — 10\$00. Manuel Antunes dos Santos, Pôrto — 85\$00. José de Brito, Grufes — 5\$00. Adriano de Almeida Maurício, Rio de Janeiro — 56\$14. Firmino de Assunção Teixeira, Póvoa do Varzim — 600\$00. M. A. S., Pôrto — 50\$00. C. F. G., Lisboa — 100\$00. F. H. Almeida Lança — 5\$00. Manuel Cândido Pacheco, New Belford — 65\$00. Manuel Aprigio Gonçalves, Almada — 20\$00. C. F. G. — 200\$00.